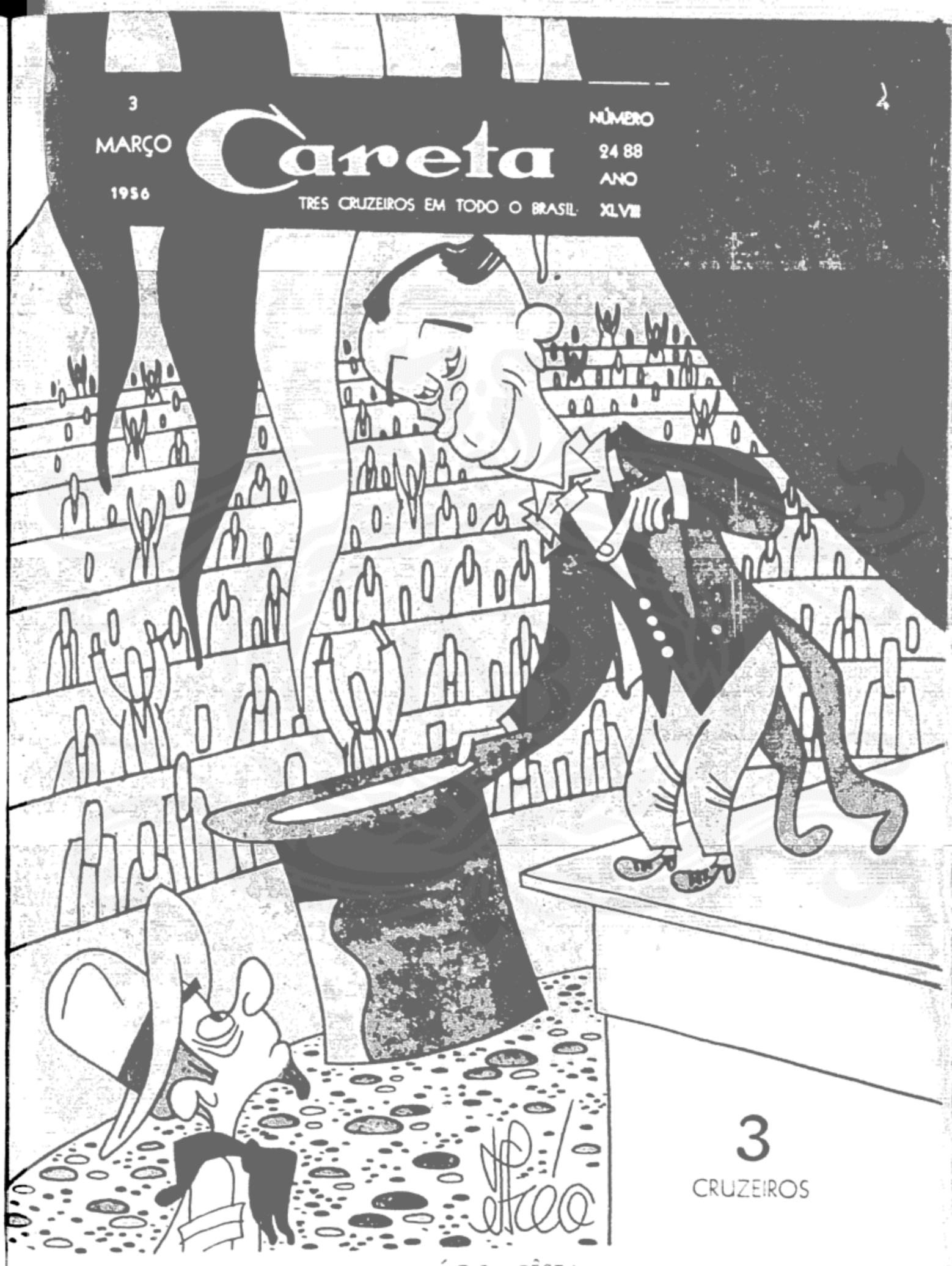
3 MARÇO 1956

Careta

TRÊS CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2488 ANO XLVIII



3 CRUZEIROS

MÁGICA BÊSTA

J. K. — Você já me viu trabalhar?

Jeca — Não mas já vi a vasa que os outros tiraram dessa cartola!

a vantagem dêle...

é aumentar os

valores nutritivos de sua alimentação

com **Malzbier da Brahma**

- revigorante... substanciosa... deliciosíssima!

Em casa ou na rua, êle sabe se tratar, reforçando suas refeições com a saborosa Malzbier da Brahma! Faça você o mesmo! Complete seu almôço... enriqueça seu jantar... valorize o seu lanche com Malzbier da Brahma — preparada com malte, de notáveis qualidades nutritivas! Levemente adocicada e contendo muito pouco álcool, Malzbier da Brahma é uma gostosura para o paladar! Habitue-se a oferecer... a beber Malzbier da Brahma para completar a alimentação diária!

em garrafas
e ½ garrafas

OUÇA as irradiações esportivas *Brahma* pelas emissoras:
R. Nacional, do Rio
P. Maurink Veiga, do Rio
Nacional, de S. Paulo
Mineira, B. Horizonte
Guairacá, de Curitiba
Clube Paranaense, Curit.
Gaúcha, P. Alegre

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO 32-3721

Êste número contém 44 páginas

LOOPING the LOOP

CADÊ PEITO ?...

FALOU finalmente o sr. Juscelino Kubitschek. Falou para dizer aquilo que todo mundo está farto de saber: que a situação do Brasil é gravíssima; que a inflação monetária está aniqüilando o país; que se continuarmos no caminho em que vamos não tardará o dia em que suceder-nos-á o mesmo que aconteceu à Alemanha, após a guerra de 1914-1918; que o déficit orçamentário previsto para 1956 já era enorme, mas foi aumentado de cêrca de seis bilhões de cruzeiros, em conseqüência do aumento do sôldo dos militares; que êsse déficit está sob ameaça de ser majorado em aproximadamente mais doze a treze bilhões, caso a reclassificação do funcionalismo civil da União seja aprovada pelo Congresso; que se tal suceder não terá o govêrno meios com que pagar essa dinheirama, a menos que emita mais papel moeda e aumente os impostos; que a emissão de papel moeda mais o aumento dos impostos vão ocasionar novo e mais violento encarecimento do custo da vida; que o encarecimento do custo da vida vai originar novas exigências de aumentos de salários, e, conseqüentemente, acarretará também maior gravosidade dos produtos de exportação, o que obrigará o govêrno a aumentar o financiamento dêsses produtos, além de subi-los de categoria na tabela de liberação de divisas etc. etc.

Tudo isso que o atual ocupante do Catete disse, nós, destas colunas, temos dito milhares de vêzes nestes últimos doze anos. Durante todo êsse tempo alertámos a opinião pública para o descalabro que é êsse de o Congresso votar leis de favor, os governos nomearem funcionários públicos a dar de pau, e a Justiça do Trabalho decretar aumentos de salários a seu bel prazer. Tudo que afirmámos e o sr. Kubitschek acaba de dizer, é economia e finança muito primárias, muito elementares, das que qualquer indivíduo razoàvelmentè inteligente compreende.

Infelizmente ninguém se importou com tal coisa e agora talvez já seja muito tarde para recuar, principalmente em regime democrático de baixa qualidade como o que infelicita êste país.

Sem saber que fazer, ou talvez sem a coragem e fôrça necessárias para arrostar as responsabilidades das medidas que terá de tomar à continuação, apela o sr. Juscelino para os entendidos na matéria, a fim de que lhe ofereçam sugestões capazes de desafogar a angustiosa situação em que se depara a nação.

Embora não acreditemos que o sr. Kubitschek seja capaz de assumir a atitude máscula, corajosa que a situação está exigindo, vamos, atendendo-lhe ao convite, oferecer-lhe as únicas soluções realmente úteis para a oportunidade:

1.º Deixar de pagar o aumento de sôldo dos militares, por não estar o Tesouro em situação de o poder fazer, mesmo por se tratar de verdadeiro subôrno partido do abjeto Parlamento que pesteia o país;

2.º Vetar qualquer novo aumento de salários e vencimentos, inclusive êsse de que o Congresso trata;

3.º Obrigar o Congresso de mariolas a promover a revisão dos pingues vencimentos de certos funcionários públicos, por se tratar de verdadeiro ultraje à miséria nacional;

4.º Dar o golpe de morte nos trustes de gêneros alimentícios, mandando fornecer transporte para os gêneros que, nas estações de estrada de ferro e em cilos particulares, apodrecem à mingua de condução;

5.º Limitar as transações a crédito, tais como as que se fazem através de crediários. Adotar aqui o que na Inglaterra se fêz, quando as vendas a crédito impediam a exportação de bens de consumo.

O govêrno inglês instituiu então lei que proibia a venda de artigos com pagamento parcelado superior a 50% do valor da mercadoria. A medida sugerida viria diminuir consideràvelmente a procura de bens de consumo, o que faria o mercado reagir no sentido do barateamento do custo de vida.

Sinuca

Alkmin — As minhas maiores dificuldades são com as **divisas**...

J. K. — E as minhas são com os **bordados** e **galões** !

As Surprezas

NEM na Europa nem nos paises das Américas Central e do Sul acredita-se no detetor de mentiras. Os americanos do norte, entretanto, utilizam-no nos serviços diários da policia. As investigações policiais norte-americanas não dispensam o que lá se chama "lie detector", mesmo que o aparelho seja poligrafo, patômetro, deceptômetro, reatógrafo, psicômetro, pneumógrafo ou esfigmanômetro.

O processo de usá-lo é muito simples: o presumido mentiroso senta-se confortàvelmente em uma poltrona e o aparelho, ligado em pontos essenciais do seu corpo, registra no decorrer da conversação que mantém com um especialista sua tensão arterial, o ritmo da respiração, o grau da tensão muscular e, eventualmente, as varia-

LOOPING THE LOOP

6.º Policiar a concessão de empréstimos a açambarcadores de géneros de primeira necessidade, com o que se veriam obrigados a vender seus produtos para fazer dinheiro.

Todas as medidas acima sugeridas são conhecidissimas. Não há corretor de câmbio ou de títulos, nem zangão da Bôlsa que as não conheça. São tão conhecidas, sr. Kubitschek, que até mesmo seu ministro da Fazenda, que foi quem acabou de arrazar as finanças do Estado de Minas, as conhece com tôda a certeza...

Como vê V. S., medidas para conjurar o mal existem em abundância. O que falta é honestidade, patriotismo e vontade de as executar. Terá V. S. peito para isso ?

Bob

DOENÇAS DO CABELLO
E DO COURO CABELLUDO
HYGIENE E TRATAMENTO
PILOGENIO
FORMULA DO PHMCO FRANCISCO GIFFONI
A VENDA NAS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITO GERAL RUA 1º DE MARÇO 17-RIO

do Detector de Mentiras

ções de resistência da pele em contato com fraca corrente elétrica. O conjunto das modificações das funções ou das reações do corpo humano, em caso de mentira, indica aos técnicos o estado de espírito do paciente à medida que lhe fazem as perguntas. Essas perguntas são, na sua maior parte, banais, referem-se a problemas da vida diária, a fatos comuns, a atitudes normais da existência. Mas, no meio dessas perguntas aparentemente sem importância, introduzem-se algumas insidiosas, relacionadas com a presumida mentira. Dêsse modo, mesmo o mais pervertido dos seres humanos se perturba intimamente, não dizendo a verdade em suas respostas, o que o aparelho logo registra.

Não é muito diferente do processo dos velhos chineses que, para saber se os acusados mentiam, faziam-nos mastigar arroz crú e depois obrigavam-nos a cuspir. Julgavam da inocência dos acusados ao verificar se o arroz restituido estava húmido ou sêco!

E' comum ver-se atualmente nas grandes lojas norte-americanas pequenas máquinas reveladoras de mentiras de crianças por preços acessíveis. Trata-se de presente que está muito em moda! Se a criança diz a verdade, aparece um anjo. Em caso contrário, surge o diabo...

Experiência muito curiosa foi tentada, há algum tempo, num hospital psiquiátrico americano. Um dos seus pensionistas pretendia ser, como tantos outros "colegas", Napoleão I e ficava furioso quando percebia que não acreditavam nele. Utilizou-se então o detetor de mentiras, perguntando-lhe se, na verdade, era Napoleão. Enraivecido ao verificar essa nova manifestação de dúvida a seu respeito, decidiu responder "Não!" Com tremenda surprêsa dos experimentadores, a máquina revelou que, com essa resposta, êle mentira!

•

Soube aproveitar o tempo...

João José de Brito é escroque que topa tudo. Seus diversos crimes já lhe valeram — apesar de contar menos de trinta anos de idade — mais de meia dúzia de condenações.

Foi detido últimamente no Sul por se ter hospedado em diversos hotéis, desaparecendo em seguida sem pagar a conta mas carregando lençóis e cobertores... Reclamada sua presença por duas varas criminais desta capital, esperou na prisão seu transporte. Como a solidão e a ociosidade lhe pesavam, pediu para trabalhar e a administração do presidídio aproveitou-o na secretaria, como datilógrafo.

Confiaram-lhe máquina de escrever e papel timbrado (oficial). Seu trabalho agradou de modo geral. A confiança nele cresceu. João José percebeu isso e logo pensou no futuro, no comparecimento perante os juízes da capital. Tratou de fazer certificados muito elogiosos nos papéis que ostentavam os timbres da prisão.

"João José de Brito é jovem que cometeu erros de juventude, mas resgatou essas pequenas faltas por sua conduta no cárcere e pelos grandes serviços prestados à administração do presídio, onde seus gestos edificantes lhe valeram a admiração de todos etc."

Condenado a leve pena no Sul, Brito veio para o Rio onde, por ocasião do seu comparecimento a juizo, apresentou certificados impressionantes.

Os juizes leram com espanto os documentos ditirâmbicos, redigidos em estilo muito pouco administrativo, não esconderam a dúvida suscitada sôbre sua autenticidade e abriram inquérito.

Ficou provada a falsidade dos documentos e a autoria da mesma. João José de Brito foi recambiado para a prisão sulina, onde espera voltar a ocupar o lugar de datilógrafo, pelo menos...

A MELHOR ESPÔSA

Diz Prud'hon: "Escolhe para espôsa a mulher que desejarias ter como amigo, se fôsse homem."

ÁGUA COLGATE

para depois de barbear

PERFUMA
REFRESCA
TONIFICA

Use também CREME DE BARBEAR COLGATE

Tônico dos velhos,
moços e crianças

O Brasil Marcha..

O CASO é como lhes conto: certo audaz contrabandista, Major Mendlovic (de que nacionalidade ?) quis passar pela nossa alfândega, em fundos falsos de duas malas, grossa moamba de dois mil relógios. O guarda-mór Emiliano Sidrin deu pela coisa e apreendeu o contrabando ? Botou na cadeia o guarda-mór ? Não chegou a tanto... Que diabo ! Ainda temos contrabandistas concienciosos ! Limitou-se a impetrar mandado de segurança contra a medida legal.

Aí entra em cena no caso um juiz, Aguiar Dias, que dá ganho de causa ao criminoso. Juiz nosso houve que foi arrancar da cadeia os monstruosos falsificadores de leite, os bandidos que matam as crianças cariocas e dêsse crime engordam. Não sei se o juiz Aguiar tomou um taxi e foi pessoalmente entregar a fuão Mendlovic os relógios apreendidos. Os jornais, o que afirmam, é que o contrabando foi pelas autoridades, à ordem do juiz, devolvido ao contrabandista.

Não há duvidar: fatos que tais só podem acontecer no Brasil...

✧

Ali no Estado do Rio, vinha o ônibus descendo a serra. Perigosíssima serra, afianço-lhes eu, que a conheço. O motorista, o incrível motorista, desprezou essa circunstância e, passando a direção (pasmem vocês !) ao trocador, foi lá para o último banco e pegou no sono.

Aconteceu o que era de esperar: o trocador, motorista bisonho, atirou com o carro por um despenhadeiro de 50 metros. Epílogo: salvaram-se o motorista e o trocador e quem morreu foi uma pobre menina de nove anos.

Então entram em cena as autoridades: vão ao gerente da companhia e pedem a identidade dos dois empregados responsáveis pelo desastre.

Sabem que fêz o gerente ? Negou-se à revelação. As autoridades, então, pediram-lhe muitas desculpas pelo incômodo, desejaram-lhe bôas festas e feliz entrada no Ano Novo (votos aliás tardios) e foram tomar um refrigerante, porque o calor estava mesmo *brabo*...

Aí têm os leitores outra coisa que só pode acontecer no Brasil.

O Brasil é a terra da impunidade. Dos contrabandistas, dos motoristas assassinos e, em geral, de todos os criminosos.

✧

Nossos excelentes comunistas começam a receber os primeiros prêmios do ostensivo apoio dado à candidatura do atual presidente da República: repulsa dos que se engancharam no Poder à custa dêles.

Os adversários do atual presidente começam, por sua vez, a explorar largamente o malfadado conúbio político.

Resultado: o presidente vai perder com a campanha e os comunistas nada vão ganhar. Nem experiência ! Bem feito !...

Zenóbio

✧

A Liberdade de Comércio

MEU compadre Gouveia, que há dez anos mantém a padaria mais afreguesada do bairro, acumula as dignas funções de forneiro das famílias que matam perús e fazem bôlos em dias de aniversário, com a de meu consultor jurídico em questões comerciais. Nada tenho que arrepender-me de seu bom senso e da sua notável técnica mercantil, de sorte que ando, à custa dêle, ao par de tôdas as grandes causas que se agitam na nossa praça, desde o "redesconto"

que está salvando o país, até a inflação, que está fazendo de cada cidadão um milionário em papel pintado.

Últimamente, tendo-se agitado a grande idéia de retôrno à liberdade de comércio, fui procurar Gouveia e louvei-me na sua opinião. Devo dizer que Gouveia é pilhérico, mas se faz como o general Lott, em quem ninguém acredita, tem a sorte de possuir um discípulo sério que faz praça de seus conselhos e não reedita as suas pilhérias. Foi assim que o Gouveia me disse:

— A liberdade de comércio ? Mas isso é excusado e parece impingido para uma nova classe de pacóvios que surgiu com a carestia da vida. O comércio não é um sacramento da sociedade, como o matrimônio. Muita gente ri quando se fala em amor livre; outros já estão às gargalhadas ouvindo essa coisa de comércio livre. Mas já se vê que, não obstante o casamento, o amor é livre: do mesmo modo, não obstante a lei, o comércio é livre.

— Você está falando como um livro, compadre Gouveia; e se eu quisesse ler não viria até aqui para escutá-lo; iria a uma biblioteca. Fale-me franco e sem teorias nem comparações filosóficas. Que vem a ser retôrno à liberdade de comércio ?

— Não sei, meu filho. Entretanto, como a época é das fitas intelectuais, suponho tratar-se de alguma tapeação para distrair a gente de coisas mais sérias. Você sabe que sou padeiro; pois bem, a liberdade de meu comércio consiste em vender somente o pão que fabrico e não receber o dinheiro da venda do pão do meu colega da esquina. E' tudo. De ora em diante, como o comércio parece que vai ser livre, porei em prática novo sistema liberal, consistindo, por exemplo, nisto: o quilo de pão custará pela tabela (que é a negação da liberdade) 12 cruzeiros, mas, se em vez de um pada de pão de quilo, o freguês quiser um quilo de pão, o preço será outro. Deixei de ser livre para vender um quilo de pão que tem preço fixo, mas ganhei a liberdade de vender o pão de quilo pelo preço que entender. E a razão é simples: o pão de quilo fica sendo uma simples denominação da qualidade de pão, como Provença, de Viena, francês, alemão etc. E eu darei ao pão de quilo o pêso que me convier, desde 300 até 950 gramas.

— Obrigado, Gouveia. Já compreendi...

O ENGANO

Genésio é camarada que se casou por engano ! Namorava uma das irmãs, por passatempo.

A outra, que era mais sabida, resolveu proteger êsse namôro.

Minha irmã gosta muito do Sr., mas meu pai entende que ela não está em idade de pensar em casamento.

— Mas — respondeu Genésio — eu não falei em casamento.

— Já sabemos disso, mas o Sr. gosta muito dela e não dispensa namorá-la.

— De certo...

— Neste caso só há um meio de continuar o namôro.

— Qual é ?

— Frequentar nossa casa

— Em que qualidade ?

— Como meu noivo.

— Mas...

— Não tenha receio. E' para constar...

Para constar, o caso foi que Genésio entrou na família. Entrou, namorou, noivou e... no dia em que quis dar o basta, a pequena reclamou:

— Você então é meu noivo e dá o fora assim, sem mais nem menos ?

— E' do nosso contrato. Lembra-se ?

— Lembro-me, mas você agora está comprometido.

Por que ?

— Porque minha irmã faz questão de que você se case comigo, do contrário ela briga com você.

E Genésio, na doce ilusão, casou-se com a outra.

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO - ÓLEO - BRILHANTINA.
LABORATÓRIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros = Cr$ 30,00
PETRÓLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros = Cr$ 30,00.

— Então estás separado da mulher!
— Está claro. Mulher que não se contenta com a cozinha, a casa tôda ainda é pouco...

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Maccallsburg (Iowa) — Detido no volante do carro que acabara de furtar, Charles L. Cox começou por proclamar sua perfeita inocência, para depois reconhecer que a intervenção da polícia o impedira de tentar um "hold up" num Banco.

• ◇ •

Menfis — O juiz infligiu multa de dezesseis dólares a cinco jovens que assistiam a uma conferência, cujo tema era "O vandalismo é defeito da juventude?". Êsses jovens lançaram pela janela do Hotel King Coulton um espelho de parede e uma poltrona.

VAI SER MÃE?
DELIVRANCINA
MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ EVITA O ABORTO, VOMITOS, ENJOOS, CANSAÇOS SEU USO É PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ FARMACIA SIMOES
RUA MATOSO, 33 — RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL*

A Carta

DOENTE com carta de recomendação é o inimigo n.º 1 dos médicos...

Quando ao médico aparece algum doente, munido de carta em que um amigo lhe pede que "... em nome da nossa velha e bôa amizade proporcione ao portador tôdas as facilidades" — já sabe que está a braços com carga de trabalho, que começa por lhe não pagar a consulta, nem a preço reduzido, e acaba por pedir amostras de medicamentos... É fatal.

Eis, a seguir, cena colhida, há poucos dias, num consultório da Cinelândia.

Enquanto o médico lava as mãos — fato que, de certo modo, como a Pilatos, não lhe fica mal — o doente, de pé, junto à mesa, espera. Cá fora, na sala-de-espera, estão trinta e tantas impacientes numeradas mentalmente pela empregada de bata branca.

— Pois bem, meu amigo — fala o médico enquanto seca as mãos. — O senhor tem de trazer-me uma radiografia, conforme as indicações que lhe dou nesse papel...

— Oh! Doutor! Mas uma radiografia custa um dinheirão!

— Não sei que faça. Eu, francamente...

— Se o doutor me pudesse dar uma carta para algum amigo seu que me pudesse fazer a radiografia sem pagar...

O médico pareceu pensar. Findo o que, concluiu:

— Bem, vamos fazer uma coisa. Vou dar-lhe uma carta para o doutor X. Talvez lhe arranje êle isso grátis. Paga só a chapa.

— A chapa? E, diga-me doutor, não tem nenhum amigo que me possa arranjar a chapa também grátis? Ainda que fôsse uma chapa em segunda-mão...

— Mas, meu amigo....

de Recomendação

O doente baixa a cabeça, deixa cair os braços e suspira.

— Bem. Não se aflija com isso. Eu acrescento aqui na carta ao doutor X que lhe facilite também a chapa...

— Ainda que seja usada, doutor. Eu não tenho pretensões...

— Vai, portanto, amanhã tirar a radiografia, em jejum, sem ter comido nada de noite. Ah! Já me esquecia... Tem de comprar a mistura opaca que vai aí nessa receita...

— Mistura opaca? Que é isso, doutor?

— É uma coisa que tem de tomar. Avie a receita na farmácia.

— E onde vou eu arranjar dinheiro para isso? O doutor não terá um amigo que possa facilitar-me quanto mais não seja uma colherzinha disso? Mesmo que não seja feita hoje, não importa!... Felizmente tenho bons dentes... A gente quando é pobre acostuma-se a tudo...

— Bem... Bem... Não se lamente mais. Tenho aqui um frasco de amostra. Mas não percamos mais tempo. Faça o que lhe disse e volte cá quando tirar a radiografia. E não se esqueça de usar a cinta de que lhe falei.

Aqui o doente pôs os olhos em algo.

— Cinta! É bom de dizer! Mas onde vou arranjar uma cinta?! Comprá-la? Era bem bom que eu pudesse, era! O doutor não terá uma? Ainda que seja ao menos um cinturão...

O médico coçou o queixo apreensivamente:

— Isso agora é que é o diabo! Onde quer o senhor que va arranjar-lhe uma cinta?

— Veja lá, doutor... Um jeitinho...

— É que não sei, não sei...

— Um favor faz-se ao Diabo...

— Bem, o mais que lhe posso fazer é isto: eu também uso cinta. Tenho duas, dou-lhe uma e depois compro outra para mim. Quer?

— Oh doutor! O doutor é uma alma santa! Muito obrigado! Eu venho cá buscá-la amanhã. E vou mesmo hoje levar a carta ao doutor X. Daqui até lá é longe, não é?

O doutor percebeu tudo. E, para abreviar, lembrando-se daquelas trinta e tal impaciências que esperavam na sala, meteu a mão no bolso.

— Pegue lá para o bonde. Mas vá-se embora, que tenho muito que fazer...

Muito obrigado. Eu não queria incomodar, mas agradeço. O doutor é uma alma santa! Até dá gôsto tratar com pessoas assim, que adivinham as necessidades da gente!

— Bem, pronto, não é para agradecer. Agora vá à sua vida que eu tenho muito que fazer...

— Muito obrigado, doutor! Eu já vou... E já agora... O doutor não terá lá em casa um sobretudo a mais? Era um grande jeitinho que me fazia...

— Um sobretudo? Mas para que quer um sobretudo com êste calor?

— Para prevenir, para o In-

(Cont. na pág. 16)

PETROLEO FLORAMELIA

Para a SAUDE e CONSERVAÇÃO dos CABELOS

O NOME GARANTE O PRODUTO

CAIXA POSTAL 5437 — RIO DE JANEIRO

PERFUMARIA FLORAMÉLIA LTDA.

Rua Francisco Manoel, 273 — Telefone 29-0867

O Capítulo das Doenças

UMA das tendências da cultura moderna é a espoliação do capítulo do crime em benefício do capítulo das doenças. A coisa começou modernamente, com a passagem, de longe em longe, de pequenos atos de um para outro daqueles capítulos das ocorrências sociais.

Criou-se uma nomenclatura nova, porque ficaria exquisita a mudança de concepção sem que simultâneamente se desse a alteração do termo usual. Foi assim que os pequenos furtos, quando cometidos por pessoas mais ou menos elegantes, passaram a constituir *kleptomania*. A nomenclatura é, como sempre que se trata de ciência, tôda ela tirada diretamente do grego, de modo que mesmo nós, sentimos extrema dificuldade em retê-la. O fato é que houve um batizado geral de atos e mesmo de *tics*. Até o hábito, hoje pouco freqüente (*Et por cause...*) de retorcer o bigode, até êsse inocente hábito recebeu nome arrevezadíssimo.

E' possível que haja razão nessa moderna tendência, de ver um estado mórbido em muitos casos nos quais outrora se via nitidamente um delito. Que direito temos nós outros, pobres ganhadores do pão de cada dia, de duvidar das afirmações solenes da ciência?

O fato é que nós outros, criaturas vulgares, que não cometemos delitos reveladores de estados mórbidos, mas que também nada entendemos de ciência, somos felizes. A felicidade reside prèviamente na vulgaridade (*Aurea mediocritas...*) e, por conseguinte, é perigoso afastar-se a gente dessa ditosa medicina, arriscando-se a ficar cientista ou criminoso.

No ponto a que chegaram as coisas, já é lícito generalizar-se, afirmando que todo delinqüente é um enfêrmo, portador de estado mórbido curável ou incurável, tal como as velhas doenças que nunca pertenceram ao capítulo da delinqüência. Contudo, é bom lembrar que já houve, se é que não há ainda hoje, a concepção de que os atingidos por certas enfermidades (os leprosos e os epilépticos, por exemplo) eram criaturas castigadas por seus crimes ou os de seus antepassados. A aproximação da doença e do crime é muito antiga.

No caminho em que vamos pode-se vaticinar para futuro próximo a extinção das penitenciárias ou sua conversão em hospitais. Nessas futuras enfermarias, que muitas serão providas de celas em vez de leitos, encontraremos *papeletas* onde se lerá: "Assassinato com o emprêgo de arma branca", assim como hoje em dia se pode ler "Aneurisma da aorta abdominal", ou "Roubo à mão armada", como hoje lemos "Cirrose hepática atrófica" etc.

A descoberta das doenças costuma ser seguida imediatamente da descoberta da respectiva terapêutica. Assim, descoberto que o assassinato com arma branca e roubo à mão armada não são pròpriamente crimes, mas doenças, seguirá a medicação apropriada.

Além da aplicação dos atuais agentes físicos, químicos e biológicos, é provável que apareça alguma coisa de original. Por que, por exemplo, não tentar o tratamento dos assassinos com o sôro de colegas seus ou com o sangue fresco dos assassinados? Os gatunos poderão talvez ser melhorados mediante a aplicação de vacinas extraidas de bio-ladrão. Não faltarão sugestões dessa natureza.

Chegados que sejamos à capitulação nosológica de todos os delitos, poderemos ampliar uma frase histórica; dizendo que não há mais crimes aquém nem além do equador.

E' possivel que a humanidade reconheça a necessidade de manter alguns agentes terapêuticos enérgicos, tais como a guilhotina, a fôrca e a cadeira elétrica, passando os médicos a ser assistidos pelo carrasco, ao lado dos enfermeiros.

Tudo isso, porém, terá conseqüência trágica: à superabundância de advogados ociosos, de modo que, como medida profilática, é urgentíssimo inventar-se um bacharelicida.

—x—

VULCÕES E DILÚVIOS

Por um lapso de paginação, saiu sem assinatura do autor o artigo dêsse título publicado no n.º de 11 de fevereiro último de *Careta*. O referido trabalho é de autoria do nosso colaborador Sylvio Figueiredo.

Todos os dias

devemos escovar os dentes e tomar 1 comprimido de Anti-Cárie Xavier. Este é o método científico e eficiente de cuidar dos dentes e evitar a terrível cárie.

ANTI-CÁRIE XAVIER

A BÁSE DE CÁLCIO E FLÚOR

Moderna medicação preventiva da cárie dentária e recalcificante do organismo

Careta

Os Dois Avisos

— Quem diz não ser supersticioso e apenas dos dentes para fora, afirmou-me com convicção o Eustáquio, depois de pousar sôbre a mesa o chope do qual sorvera com delícia um bom gole.

A noite estava quente, de calor abafado. A afluência às mesinhas externas do café era grande.

Homens e senhoras, em vestuários leves, tomavam gelados, conversando com indolência. Leques e chapéus de palha agitavam-se na ânsia de criar uma aragenzinha fugaz. Lenços enxugavam, com freqüência, as testas orvalhadas de suor. As pessoas que passavam, a caminho dos cinemas, tinham ar precocemente fatigado.

Eu também sorvi um pouco da minha cerveja e aguardei a demonstração da tese, conquanto a tivesse já por demonstrada.

Depois de alguns momentos de silêncio e de tamponamento da fronte com o lenço de sêda, prosseguiu o Eustáquio: — Quando vim do meu Estado para o Rio, trazia dois ideais: fazer valer minha carta de bacharel, empregando-me na magistratura, ou, pelo menos, em alguma repartição importante. Êsse era o primeiro ideal. O segundo era casar-me com uma carioca. Eu conhecia as moças do Rio através dos semanários ilustrados e, quando comparava com elas as minhas co-estaduanas, bonitas, sem dúvida, graciosas muitas vêzes, encontrava, contudo, nas daqui, um sainete que me dominava.

— Mas se você se fêz burocrata, realizando em parte o seu primeiro ideal, o segundo seria de realização muito mais fácil.

— Isso sei eu.

— Então como foi que chegou aos quarenta e tantos solteirão?

— E' precisamente êsse o ponto a que ia chegar, a propósito de superstição.

— Então vamos lá.

— Algum tempo depois de me achar no Rio, e já empregado, comecei a pensar no casamento. Se alguma dificuldade pudesse haver, seria *l'embarras du choix*. Mas...

— Mas...

— Numa certa noite de véspera de Natal tive uma idéia bizarra. Como a janela do meu quarto dava para o telhado que cobria o puxado da casa, lembrei-me de ali pôr um sapato. Eu mesmo ri dêsse gesto de forçada ingenuidade, mas lá deixei, antes de me deitar, o sapato. Dêsse gesto me veio um sonho: sonhei que havia achado dentro do sapato uma bela jovem, pela qual fiquei imediatamente apaixonado. Estendendo-lhe os braços, animado pelo sorriso que ela esboçou ao ver-me, nas, precisamente nesse instante, acordei. Estava amanhecendo. Comecei a tatear com os pés procurando os chinelos. Como não achasse logo os dois pés, inclinei-me para ver onde estava o esquerdo. Dêsse movimento me resultou dar formidável cabeçada na quina da mesa de cabeceira. Imenso galo se me ergueu logo na testa. Quando a dôr abrandou, corri à janela e recolhi o sapato que havia ficado no telhado.

— Vazio, hein?

— Não, senhor. Alguém, se não foi o Diabo, havia colocado nele uma pedra.

Hum!

Nunca fui dos mais supersticiosos. Mas, meu amigo, aquela coincidência, e naquela noite: pedra no sapato e um enorme galo na testa! Jurei que nunca me casaria.

TROVAS

Quem no mato se encontrar,
Achando algum rasto de onça,
Olhe sempre para trás,
E olhe bem, que a bicha é sonsa

Sòmente na África são abatidos, por ano, mais de 50.000 elefantes, para a utilização de seus dentes.

ENTRE RAPAZES

— Estou convencido de que, quanto mais o homem se aproxima da Natureza, mais feliz é.

— Conforme! Naturalmente, não dirias assim quando ontem escorregaste, na rua do Ouvidor, e deste com o nariz no chão!

"OLEO DE CEDRO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS OFERECE.

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9,1/2 da noite dos dias 22-3 — 28-6 — 27-9 e 27-12-1956: Cr$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em ÓLEO DE CEDRO para os comerciantes que venderam o produto. Para tomar parte no Concurso dirija sua carta ao: "CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO — Av Rio Branco, 137 — sala 616 — Rio". Dentro do envelope deverá constar: NOME E ENDEREÇO DE QUEM REMETE, ENDEREÇO DO LOCAL EM QUE FOI COMPRADO O "ÓLEO DE CEDRO" E UM RÓTULO DO "ÓLEO DE CEDRO"

O resultado será também publicado

As cartas do Interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Tôdas as cartas recebidas até a data do Concurso são colocadas no Auditório, à vista de todos os presentes, os quais podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio. Então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas, cujos remetentes são imediatamente proclamados.

Os fantasiados

— Centenas de **cow boys** norte-americanos vieram assistir o nosso carnaval.
— Vieram assistir o nosso ou exibir o dêles?!

CLICHE'S
Aceitamos encomendas de clichés:
TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLE'S
Entrega rápida
PREÇOS RAZOÁVEIS
RUA FREI CANECA, 383
TELEFONE 32-3721

Carta a certa

Em vez de queixar-me amargamente do meu insucesso, desejo fazer algumas observações sôbre o ligeiro período em que me apaixonei por você.

Depois de vários gestos e de algumas atitudes, compreendi que você me detestava, que me repelia. Era angústia para a qual eu já estava preparado. Exatamente como para a felicidade.

Portanto, essa repulsa não me causou aquela decepção que, por vêzes, imaginei quando descobria novos encantos na sua pessoa física.

Mas eu aceito a sua repulsa pura e simples: é justo, é natural que você se defenda de um desconhecido: você está dignamente no seu papel e mais ainda quando essa defesa é contra mim, cujo aspeto está longe de ser atraente ou curioso.

Não aceito sem protesto a sua recusa sob o fundamento de que eu sou um sujeito à tôa ou um indivíduo suspeito, igual a tantos outros cavalheiros que provàvelmente já lhe causaram vários desgostos e incalculáveis desenganos. Eu seria como os outros se você fôsse como as outras. Mas incontestàvelmente você é criatura séria, discreta, distinta e cheia de probidade e de recato. Eu gostava imensamente do seu modo frio e simples de viver, modo com que se diferençava de uma porção de senhoritas frívolas, agitadas, fúteis e insípidas. E estou certo que você poderá fazer de mim desagradáveis conceitos, menos o de não ser discreto, respeitador e um tanto tímido. Os meses que passei perto de você foram cheios de encanto, de sonho e de cavalheiresca deferência. Teria sido pelo meu ar modesto e delicado que você me achou indigno de sua atenção? Quem sabe lá o que se passa no coração de uma mulher! Faço-lhe

OS "MAU-MAU" E OS INGLÊSES...

Segundo narrou célebre missionário alemão que regressou, recentemente, do Kénia, onde estêve em missão evangelizadora aos célebres e terrívis "Mau Mau", que se encontram em revolta contra os ingleses, não lhes faltam nem observação nem malícia, nem certo espírito de humor.

Assim, conta o padre que certo domingo, depois da missa, falava com alguns negros e pintava-lhes o

criatura

a justiça que você não me faz; em vez de deprimi-la eu a exalto. Elevo-a no meu conceito, construo para você um pedestal, ergo-a bem alto na minha imaginação, e, ainda que isso lhe pareça estranho, um sujeito como eu sente-se capaz de adorá-la e de fazê-la orgulhar-se de minha esplêndida paixão. Mas você não quis ver nada além de minha modéstia, não percebeu que o meu amor por você era um caso de consciência, um ninho de encantadoras possibilidades e uma fonte inexgotável de alegria, de orgulho e de prazeres. Em parte você podia pôr tudo isso em dúvida, porque os homens são perversos e as paixões transitórias. Por que então não tem você confiança em si mesma ? Por que não se julga capaz de tornar duradoura minha impressão de encanto e de júbilo ? E' você imprópria para despertar uma grande paixão ? Você só pode viver de mesquinhos e vulgares amores de cavalheiros concentrados e ineptos para uma emoção superior ? E' pena ! Lastimo de coração que você deva resignar-se à mediocridade de seus dias cinzentos, quase solitária, quase obrigada a não chorar na escravidão do lar e do emprêgo, sob a pressão invisível de uma moral de escravos e de inferiores.

Agora é que percebo a enormidade de seu desprêzo: não é a mim que você despreza, é ao seu próprio amor, é ao amor que você inspira e que lhe parece indigno de si. Não se aflija, porém; eu não lhe quero mal por isso. Penso apenas esquecê-la, o que será difícil de minha parte. Você, porém, coerente com seus gestos, me auxiliará em descer pela noite abaixo até onde a luz de seus estranhos olhos negros se confundam com a treva. Ah ! e eu que esperava, cheio de júbilo, poder dizer-lhe Bom Dia ! e tenho que lhe dizer para sempre: Bôa Noite !...

B.

quadro dos encantos e da felicidade do Paraíso, cheio de cristãos fiéis aos mandamentos do Senhor.

Seu discurso, porém, foi interrompido pelo chefe da tribo, que se levantou para perguntar: .

— O Paraíso é alguma colônia inglêsa ?

— Que idéia, meu filho ! — Respondeu o bom padre. — O Paraíso é habitado apenas por Deus e pelos Anjos !

— Então não pode ser tão bom como o senhor diz ! Se o Paraíso fôsse assim uma coisa tão boa, os inglêses já o tinham tomado há que tempo !

FAÇA *Surgir a beleza* DE SEU ROSTO!

Contra manchas, espinhas, cravos e rugas. Previne o contagio de certas infecções.
Purifica e perfuma a pele.
Não deixe de aconselhar ao seu marido usa-la após a barba.

AGUA ANTISSÉPTICA

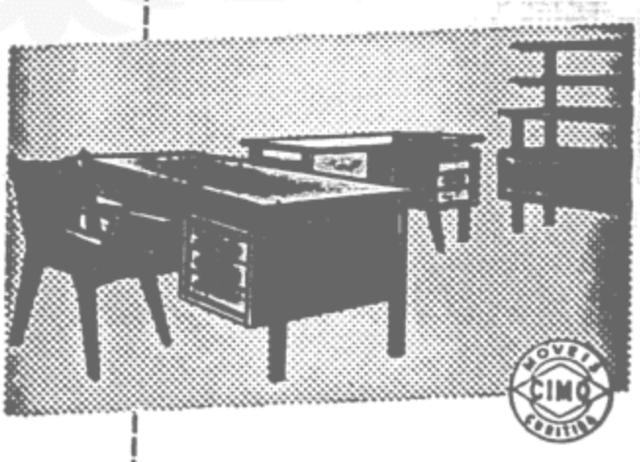
Flôr de Tiê

PERFUMARIA FLÔR DE TIÊ LTDA.- C. P. 661 D. - Tel. 23-1166 - RIO

Pelo Correio Cr$ 25,00

solicite o modêlo 9.600!

COM PÉS DE FERRO



MÓVEIS CIMO

TRICAS E FUTRICAS

Digam lá o que disserem, a verdade é que o sr. Jânio Quadros tem bôas tiradas. Sabe dizer as coisas. E parece que sabe também fazê-las. Viram o balanço de suas atividades no govêrno de São Paulo? Foi publicado no dia 25 de Janeiro. E' documento bom de ler — direto, áspero, afirmativo. Pão, pão; queijo, queijo... Não tem papas na língua, o diabo do homem. Fixando apenas três pontos — recuperação econômico-financeira, saneamento moral e obras realizadas. Inicialmente declara, sem ambages, que recebeu o Estado sem crédito, tanto no Interior como no Exterior, e com um *déficit* orçamentário de Cr$ 6.300.000.000,00! Enfrentou sem hesitação a situação com dois objetivos principais: "moralizar implacàvelmente a administração pública mediante a punição de qualquer espécie de desonestidade, e, ao mesmo tempo, pôr em execução imediata um programa de recuperação financeira que lhe permitisse, ainda no primeiro ano de sua gestão, realizar aquelas obras indispensáveis e inadiáveis, sem as quais o exercício da governança é um labéu para quem o detém".

Jânio Quadros

E sentencia, de senho carrancudo: "Foi o que fiz, faço e farei nestes três anos que me restam, dôa a quem doer, custe o que custar".

"A moralização da máquina burocrática não apresentou maiores dificuldades. No decorrer do ano foram encerrados 76 processos administrativos e 36 sindicâncias. Os culpados sofreram a devida punição, aos inocentes fêz-se justiça. Estão em andamento 341 processos e 242 sindicâncias. Os inocentes serão redimidos, os delinqüentes, principalmente os ladrões do linheiro público, receberão o castigo merecido e com efeito retroativo."

A moralização tem sido e vai sendo implacável. Está satisfeito, porque a grande maioria do funcionalismo prima pela honestidade. Saiba o povo — diz Jânio. A malta de ladrões é composta de altos figurões que, "sem valor moral nem intelectual se apossaram, por mil truques e chantagens eleitorais, dos cargos de que agora meu govêrno os está expulsando, um a um, sem piedade ou remorso".

Resulatdo: o *deficit* foi reduzido a menos da metade, por esta razão muito simples — *ninguém furtou, arrecadou-se mais, gastou-se menos*. Não estará aí um oportuno programa de govêrno para o Brasil? E' de um "maluco" dêsses que estamos precisando...

✧

Enquanto isso acontece em S. Paulo, que se vê na Bahia? O inefável sr. Balbino, ao chegar do Rio para uma rápida semana de férias em Salvador, anuncia:

Antonio Balbino

— Agora vamos fazer política!

Que irresponsabilidade, santo Deus! E os problemas da Bahia, que é feito dêles?

✧

Tem causado espanto a substituição de chefes de serviço pelo novo govêrno, nos diferentes ministérios. Trata-se, porém, de um caso de rotina — e o que é estranho é que êsses cidadãos tenham conseguido, — alguns dêles, durante cêrca de vinte anos, — merecer invariàvelmente "confiança" de tantos ministros, em situações tão diversas, por prazo tão largo... Evidentemente, depois do velho Vargas, o simbolo do Brasil é o *ficus*.

Getúlio Vargas

✧

Os deputados Armando Falcão e Rafael Correia de Oliveira se "estranharam", há pouco, num elevador da Câmara. E o pânico do ilustre porta-voz militar foi tão grande que êle foi queixar-se imediatamente ao general Lott — e pedir garantias. O melhor é colocar um tanque à disposição do sr. Armando Falcão: êle anda tão assustado, coitadinho!...

Armando Falcão

✧

O caso do "testamento" do ex-governador Clóvis Salgado continuará no cartaz. O P. R. de Minas não gostou da brincadeira do sr. Bias Fortes. Mas o governador de Minas entre duas anedotas, falou grosso — e sustentou a palavra:

Clóvis Salgado

— Isso é uma vergonha! Não dou posse aos nomeados.

O sr. Bernardes Filho e o sr. Clóvis Salgado, de voz macia, trataram de amansar o líder de Barbacena:

— Tenha calma, homem! Quando chegar a sua vez você também nomeará...

E a coisa se resolveu afinal em família: entre mortos e feridos, escaparam todos...

✧

Tratando de fazer seu preparo para o Poder, o sr. Jango Goulart vai aos Estados Unidos: quer ver como se governa um país democrático. Êle estava acostumado com a Argentina de Perón e deseja agora mudar de ares políticos... Depois, quando voltar, estará em bôa forma para assumir o Govêrno, substituindo o sr. Kubitschek, que vai em abril à reunião dos Presidentes do Brasil da Argentina e do Uruguai, em Montevidéu...

Jango Goulart

✧

A estréia do sr. Vieira de Melo como líder da maioria foi singularíssima: em vez de um discurso na Câmara uma entrevista coletiva aos jornais. Quer dizer: em lugar de ação parlamentar, publicidade pessoal... A vocação do rapaz não é para líder: é para chefe de *relações públicas* do Govêrno...

Vieira de Melo

✧

O divertido sr. Kerginaldo, defensor dos "arapotis" do sr. Lupion, vai mudar de partido, vai deixar o partido do sr. Ademar para aderir ao partido do sr. Jango Goulart.

Kerginaldo Cavalcante

O homem confessa que está pobre, precisa melhorar de vida — e o sr. Ademar não tem mais nada para dar, sobretudo no Rio Grande do Norte, onde o seu eleitorado pertence... ao sr. Café Filho.

———..———

O BISCATE

———

Não tendo tido a fortuna de acertar com a porta da Caixa de Amortização, Fortunato, velho funcionário do tráfego e estimável cavalheiro da estação de Ramos, resolveu levar a sério sua conquista socialítica de biscate.

Procurou alugar-se como condutor de bondes, como caixeiro de açougue, como guarda-noturno, como vendedor de bilhetes, como "burro sem rabo", como agiota, como agente de seguros... nada!

Todos êsses lugares estavam tomados por colegas altamente colocados e empistolados.

Êle, porém, não desistiu e, após centenas de tentativas, acabou por ter uma idéia genial: visitar os defuntos.

Morre alguém: aparece Fortunato a velar o defunto. Foi amigo do morto ou da morta!

Quem pode desmentir?

E assim passa as noites. Na certa toma seu cafèzinho ou come qualquer coisa que as famílias desoladas sempre aranjam para animar os velórios.

E' o seu biscate. Já fêz economia do jantar e da ceia. Também, se o defunto não rende, êle vai a outro...

◇

Se seus cabelos....

✓ são fôscos
✓ ressecam
✓ caem

cuidado!

- você precisa defendê-los contra a

ANEMIA DOS CABELOS

Aplique sem demora a

ÁGUA DE QUINA PINAUD

Revitalize o seu couro cabeludo! Com a perfumada Água de Quina Pinaud, você tonifica as raízes dos cabelos, evitando que se ressequem ou venham a cair! A Água de Quina Pinaud combate também as caspas, eliminando-as totalmente.

Confie na ação regeneradora da Água de Quina Pinaud! Rejuvenescendo seus cabelos, a Água de Quina Pinaud torna-os mais macios, mais resistentes... mais brilhantes... muito mais bonitos! E facilita ainda, de forma surpreendente o penteado feminino.

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA!

1 - Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francesa, contém numa dosagem correta preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim invisíveis. Por isso, fixa melhor... sem empastar!

2 - Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das reconhecidas propriedades tonificantes da quina com uma loção não oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!

Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tônicas da Água de Quina Pinaud!

PINAUD Paris Perfumistes desde 1810

Vida bucolica

Alkimin — Você, **seu** Nereu, é quem devia estar na fazenda!
Nereu — Eu?!
Alkimin — Sim, você gosta tanto de sitio...

A CARTA DE RECOMENDAÇÃO

verno! Eu faço sempre assim: Peço os sobretudos no Verão e os ternos leves no Inverno. Tôda gente dá com mais facilidade...

— Bem, verei o que lhe posso arranjar. Amanhã, quando vier buscar a cinta, falaremos... Mas vá-se embora...

— E' que eu lhe queria pedir...

—Não peça mais nada! Pegue lá dez radiografias para os seus meninos brincarem. Tome! Três caixas de pastilhas para a tosse! Leve também êste guarda-pó. Quer experimentar êste medicamento para o reumatismo? Gosta de mentol? Tome lá estas pastilhas! Pinças, tem pinças lá em casa? Não tem? Tome lá estas!

E, enquanto lhe ia entregando as coisas, a cara do médico ia-se congestionando. Era um verdadeiro frenesi.

— E êste pacote de algodão em rama?

— Quer? Leve! Não terá por acaso falta de mesa? Pois não leve esta hoje porque já vai muito carregado, mas pode vir buscá-la amanhã. Leve tudo, mas vá-se embora! Se lhe fizer jeito, leve também a enfermeira! Desapareça!

— Muito obrigado, doutor! E' uma alma santa! E não tem por acaso aí uns jornais para eu embrulhar isto tudo? Ainda que não sejam de hoje...

. . . . . .

Algo de terrivel, explosivo, contundente, assassino deve ter iluminado, repentinamente, o olhar do médico.

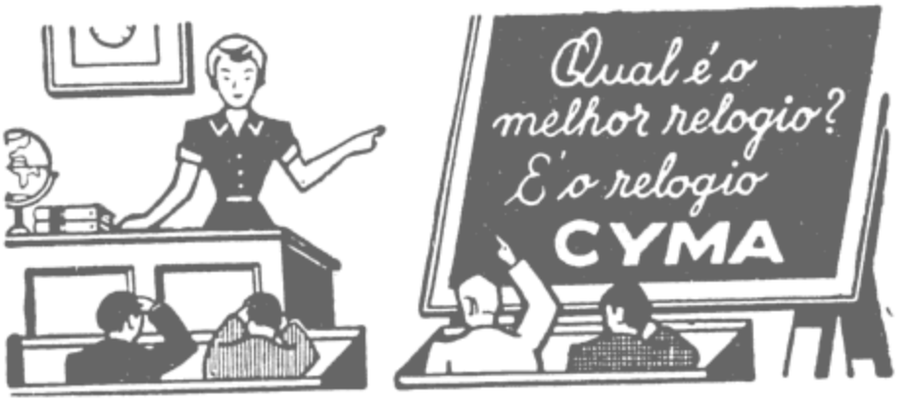
Como hipnotizado pelo terror, o doente deitou a correr e nunca mais apareceu...

——::——

CONTAS SIMPLIFICADAS

Antes da primeira grande guerra, nos tempos áureos do império austro-húngaro, os soldados se ocupavam também em obras públicas, como abertura de estradas, construções de edificios etc. Conseqüentemente, os geenrais eram também administradores.

O general Salgoczi, conhecido pela integridade de seu caráter e também por seu gênio irrascivel, recebeu certa vez importante



quantia para o custeio de obras confiadas a tropas sob seu comando. Ao fim de um mês, recebeu de um alto funcionário de Fazenda um convite, quase áspero, para prestar contas dêsse dinheiro.

Irritado pelo tom do convite, o general escreveu em uma folha de papel:

"Recebido ... 50.000 guldens
Gasto ..... 50.000 "

Roubado .. 0 "

Quem não acreditar é burro.
Salgoczi"

O alto funcionário, indignado, levou essa singular conta ao ministro da Fazenda, que se apressou a levá-la ao próprio soberano, convencido de que êle ia responder, demitindo ou reformando o genioso general.

O imperador Francisco José, porém, que conhecia bem Salgoczi, leu e, desatando a rir, disse:

– Pois claro! Eu, que não sou burro, acredito. Quá, Quá, Quá!

SINCERIDADE NÃO VALE EM POLÍTICA

Conhecido jornal europeu lembrou o caso de Luis Vinson que, no principio dêste século, apresentou-se candidato às eleições municipais de Hanoi. Vinson não foi, na realidade, candidato "fantasista", pois não era grande humorista. Sua plataforma era um modo, como outro qualquer, de se opôr aos costumes eleitorais da época.

Por meio de cartazes, Vinson convocava os eleitores às urnas nestas apóstrofes impertinentes: "Eleitores. Devem estar descontentes com as promessas que lhes são feitas, pois sabem perfeitamente que jamais serão cumpridas por quem as faz. Tomo o compromisso formal de empregar todo meu tempo e todos os meus esforços a cuidar dos *meus* interesses e a fazer aumentar *minha* fortuna.

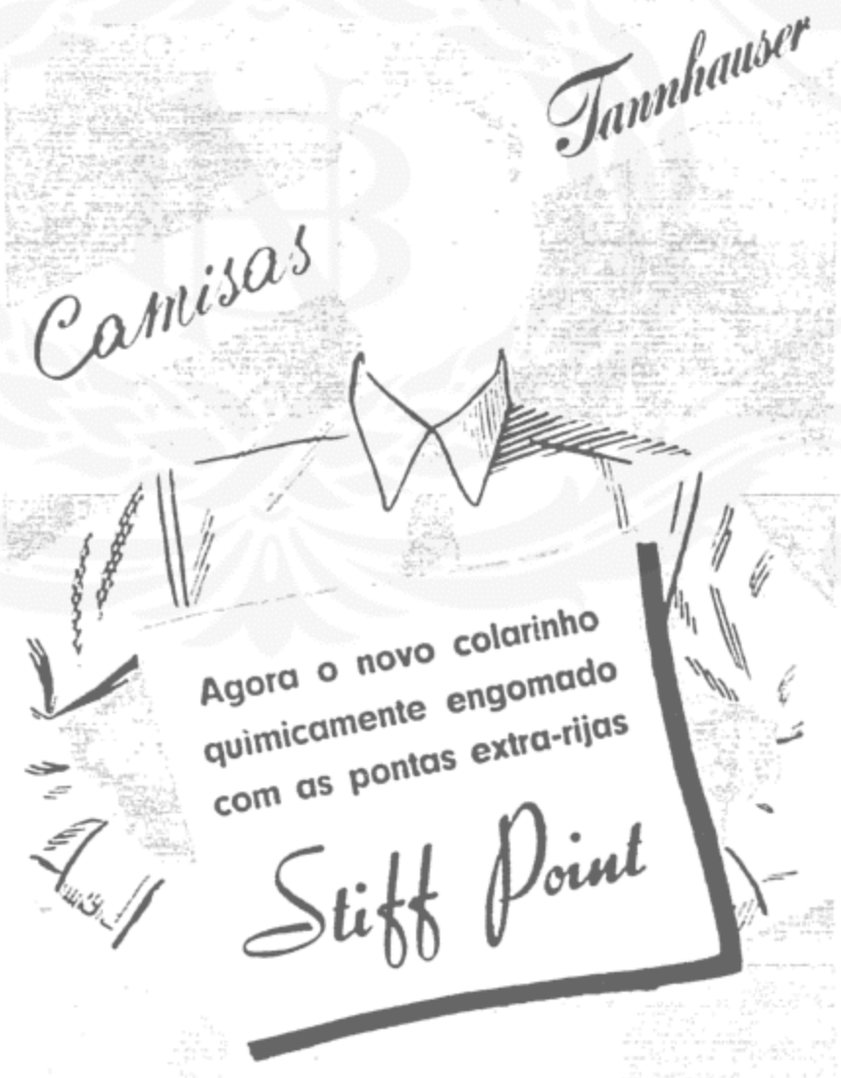
Uma vez servido, tendo assegurado *meu* futuro — o que é justo, após dezessete anos de Tonkin — juro perante Deus e perante os homens que cuidarei de vocês nos meus momentos de lazer. Eleitores, votem em mim!"

Mas os cidadãos preferiram ficar com suas ilusões e votar nos mentirosos. A franqueza rude chocou-os. Sabiam que os outros candidatos faziam exatamente como dizia Vinson, mas votaram neles. Sinceridade em política é contraproducente.

PENSAMENTOS PROFUNDOS

Muitas vêzes encontram-se inscrições deixadas pelo hóspede anterior no alto de uma porta ou janela. O coração das viuvas é como uma porta de hospedaria cheio de garranchos e rabiscos...

O coração de certas mulheres adota o regime de hospedarias mal afamadas, que cobram adiantadamente mês, antes de terminar a quinzena, começam a tratar mal o hóspede...



A VENDA EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO NO BRASIL.

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

ONTEM DE MANHÃ

ONTEM de manhã — verdadeira festa dionisiaca de sol — passei um dos meus poucos momentos de repouso pelo deslumbramento suave de um jardim. Havia no esplendor de tanta luz, sombras que eram refúgios, oferecendo quietação e convidando a sonhar a vida. Divaguei ao acaso pelas áleas onde árvores seculares esboçavam uma abóbada.

Uma penumbra discreta, indecisa, caia docemente, com leveza de pluma; um olor sensual a terra em flor, a folhas virgens, punha nos meus sentidos inefável comoção de otimismo e de estranha poesia —, que de modo sutil afagava todo o meu ser. E puz-me a refletir na maravilhosa alma das flôres, meditações que me enchiam a imaginação de imagens exóticas num absurdo doidivagar de idéias. Cada flor sussurrava a música misteriosa da sua côr inigualável. Êsses coloridos palpitavam em vibrações como ecos distantes de algum clavicórdio do século dezessete. Uma brisa ligeira, apressada por vêzes, espargia sôbre esta sinfonia a carícia de uma continuação de aromas. O perfume das flôres talvez seja a química fantástica das suas côres, transformada num sôpro da alma das rosas e dos lírios. O verde de certas hastes tem a embriaguês do "chartreuse", e há no verde de algumas folhas a sedução que encontrei nos olhos de qualquer loura ressuscitada na minha memória — olhos embebedantes como o verde "pipermint" Flôres de um amarelo esfusiante, indefinível, parecem espumejar champanha da taça das corolas. Há pétalas que me lembram cálices de gim ou de velha "genebra" — de um aroma perturbador, alcoólico...

Os poetas foram buscar ao arminho e à neve, à púrpura sangrenta e às tonalidades do oceano, as roupagens com que a fantasia dêles vestiu as flôres. Estas imagens, mil vêzes repetidas, perderam a eloqüência — disse de mim para comigo, olhando um girasol, à volta do qual zumbia uma abelha como gnomo de balado infantil que brincasse à volta de um lago onde se espelhasse a imagem do sol. Lembrei-me do verso de Keats:

A thing of beauty is a joy for ever!
(Uma coisa belo é uma alegria eterna).

Aquelas hortênsias imaginava-as águas marinhas em filigranas. Um cravo rubicundo sugeriu-me imenso rubi que fôsse possivel recortar por um sortilégio. Os cachos violetas das glicinias eram ametistas que eu sonhava enfeitarem as pulseiras daquela escrava núbia dansando há dois mil anos num festim de Bizâncio... Valsavam violetas com véus de silfide, e amiculos caprichosos de mil côres que se confundiam com os rubores e os desmaios, a tristeza madrepérola e a alegria metálica das flôres — tôdas elas numa orquestra de variadíssimas tonalidades.

Êste feitiço da minha imaginação, embebido na infinita calma de um estado de alma, foi quebrado por uma risada infantil que desfez num instante a mágica prodigiosa. Um cisne arensou lá em baixo, no lago, como que a responder. E pressenti, no deslizar das águas mortas, uma queda brusca na realidade...

Quitandinha

DAS melhores festas infantis carnavalescas o baile do Quitandinha. Os amplos salões do grande Hotel encheram-se de crianças belas e robustas e ali elas brincaram animadamente sob o olhar vigilante dos papais e das babás.

Belo hussardo e sua dama

A cigana fuerte se

Eu ainda sou muito pequenino, por êsse motivo minha lança perfume é uma mamadeira

Brincando de cordão

Vê lá se me deixas cair...

O gato Felix e a india Ceci

FLA

A Rainha Baby do Orfeão Portugal de 1955 e outros foliões mirins

Reparem no jeitinho dela!...

O Mandarim e a gatinha Felix

FLU

T. è. bonequinhas muito lindas !

Vamos brincar, minha gente !

Uma espanholita "mui salerosa" !...

Um cordão de grande futuro...

Uma falena muito rica

Três egipcias muito galantes

Uma nobre dos tempos dos Luises

A Estátua da Liberdade

TEATRO MUNICIPAL

A rainha das plumas

6.º prêmio **Lúcia Lamour** — Arara Imperial

Angelita Martinez

Arlete Dias

ECOS DO CARNAVAL

Um momento de pausa para a foto

No High-Life não havia nem uma vaguinha...

Êta gente animada !

O salão do João Caetano estava à cunha

Vamos brincar e cantar

Bela jovem patricia

As três Marias

Eu sou do Carnaval !

Um grupo "sèco" por brincar. . .

Ecos do Carnaval

Dois "bigs" bailes da fuzarca foram realizados, no Teatro João Caetano, no último Carnaval. Um, o Baile das Atrizes, para a coroação da Rainha das Atrizes, Angelita Martinez e o outro, o Baile do Rádio, para a coroação de Dóris Monteiro, a nova Rainha do Rádio.

Em ambas as festas imperou grande animação e alegria, como o testemunham as fotografias desta página. As três fotos à esquerda foram tomadas quando da realização do Baile das Atrizes; enquanto que as restantes fotografias, as do canto inferior, à direita, mostram aspectos do Baile do Rádio.

Angelita Martinez e as Princesas

E' interessante notar como a plástica da mulher brasileira está melhorando depois que Eva se dedica à vida ao

ar livre e ao esporte. A mulher enxundiosa de outros tempos foi substituida por verdadeiras obras de arte esculturais.

Darc, Gonçalves e Virginia Lane

Dóris Monteiro, Manoel Barcelos e Vera Lúcia

Um par e tanto!

Uma estátua de carne e ôsso.

Uma obra de arte!

PROTEJA SUA CÚTIS!

Antisardina é o crême ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas, restituindo à péle cansada ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o crême de beleza Antisardina extingue cardas, manchas, espinhas e rugas.

Antisardina

TUDO SERVE

Lemos numa revista francesa que, certa manhã apareceu escrito nas paredes das principais cidades de França um letreiro, feito pelos comunistas, que rezava:

OS AMERICANOS DEVEM VOLTAR PARA A AMÉRICA.

A *Pan American Airways*, poderosa emprêsa aérea norte-americana, pagou pintores para acrescentar ao letreiro o seguinte:

VIA PAN AMERICAN AIRWAYS.

• ◇ •

O CAMINHO DO CÉU

Certo padre que fôra destacado para o Interior, poucos dias depois de sua chegada, saira para deitar cartas ao correio. Como ignorasse onde ficava a agência postal, resolveu perguntar a um rapazinho onde ficava.

Siga a primeira rua à direita, depois dobre à esquerda. E numa pracinha encontrará a agência.

— Obrigado, meu filho, disse o padre. Você precisa aprender o catecismo. Apareça na igreja que desejo mostrar-lhe o caminho do céu.

— Ora, se você não sabe onde é o da agência, que dirá o do céu!

• ◇ •

METEU-SE EM BRIOS...

Ao regressar dois anos mais tarde à casa paterna, numa aldeia da Ucraina, o operário Bóris Brodunoff encontrou Natália Schirei, jovem camponesa a cujo enlace matrimonial havia asistido, pouco antes de deixar a casa de seus pais com destino à usina, em Moscou.

Natália, que estava cercada por cinco crianças pequenas, ao avistar Boris, cumprimentou-o sorridente:

— De volta?

— E' verdade! E você? Todas essas crianças são suas?

— São! Meti-me em brios e executei o plano quinqüenal em apenas dois...

• ◇ •

Os Trustes

— Os monopolistas do fósforo querem boicotar as carteirinhas das fabricas nacionais!
— Que idéia sem cabeça!...

HISTÓRIA MARROQUINA

A um jornalista inglês, que se mostrava espantado com certos acontecimentos "recentes", o paxá El Glaoui contou o apólogo seguinte:

Em uma noite de luar, um bérbere dirigia-se à sua tenda, que se achava distante muitos quilômetros. Em redor dêle a lanterna fazia as sombras dançarem. Em dado momento, porque tivesse fome e seu bornal contivesse figos, diminuiu o passo e dispôsse a comer um. Mordeu o fruto e retirou-o apressadamente dos lábios, aproximando-o da lanterna.

— Puxa !

O figo estava verde. Tirou outro e sentiu um arrepio ao mordê-lo. A mesma coisa. Lançou-o fora e pegou um terceiro. Não teve melhor sorte... O faminto deteve-se para refletir:

— Deveria jogar fora todos os figos que lhe pareceram tão belos ?

Não. O bérbere era sábio. Apagou a lanterna. "Inch' Allah !"

• ◇ •

INFORTÚNIO

Enterro, em Botafogo, de alta figura dos nossos círculos financeiros. Entre seis ricos tocheiros, o corpo do comendador repousa cercado de rosas e cravos, havendo também coroas vistosas. Muita gente, como acontece nos enterros de pessoas ricas.

A um canto Paula Nev, encolhido, chora copiosamente. E o pranto convulsivo do boêmio desperta a atenção dos presentes, um dos quais, mais despachado, se atreveu a perguntar-lhe:

— O senhor também pertence à família ?

— Não, senhor, e é justamente o que eu lamento. Se fôsse um dos herdeiros, estava feito. E danou-se a chorar copiosamente...

• ◇ •

O problema

— Pedi ao Juscelino para ser diretor de qualquer coisa
— Você pretende resolver algum problema ?
— Pretendo, sim; vou pagar a conta do açougueiro.

Agua na Fervura

AO deixar, com muitas saudades, a bela e próspera cidade de Cangambo, no distrito de Mossamedes, vim de tal modo impressionado pelos seus curiosos costumes que passei a acompanhar sempre, de longe, até ao dia do seu definitivo desaparecimento dos mapas, os acontecimentos, principalmente os políticos, desenrolados naquela terra infausta, a seguir, como se da terra fôsse, a ação daquela gente em sua tentativa, talvez inútil, de erguer uma civilização em pleno deserto africano.

Confesso que sôbre o visto e o observado muito meditei, procurando, com espírito claro e isento, penetrar a feição psicológica daquele povo trabalhador e leviano, ardente e fatalista, cheio de contrastes e de incógnitas morais.

Não me foi difícil encontrar a constante espiritual, o traço saliente e característico da alma daqueles africanos do sul que anelavam e suavam sob o pêso de um trabalho árduo e anti-humano, a uma temperatura de fornalha.

Essa constante é seu espírito de revolta contra os governos, quaisquer que fossem, pois todos nada mais haviam feito que tornar-lhes mais dura a canga aos frágeis ombros de ilotas.

E' sentimento de permanente oposição muito hàbilmente açulado por certa classe de fibusteiros do jornalismo e perfeitamente justificável pelo estado de pobreza, de ignorância e de miséria orgânica em que vivia aquêle pobre gado humano sem futuro e sem esperanças de futuro.

Numa região hostil ao esfôrço humano, vivendo sob as mais desfavoráveis condições de saúde, trabalhava aquêle povo sem a cura de dirigentes e **élites,** adstrita a uma economia rotineira apoiada na monocultura da chicórea, único produto exportável, sem escolas, sem hospitais, sem caminhos, acolhendo não raro com frouxo interesse todos os govêrnos que se sucediam apenas para

Il ne faut pas mener les hommes par les voies extrêmes

MONTESQUIEU — **Esp. des lois**

a fulgurante afirmação dos seus sentimentos misoneistas, da sua indiferença e incapacidade na arte de conduzir a nação.

Não se pense, porém, que a revolta era, no coração daqueles homens de ébano, coisa íntima, enraizada e irradicável, resultante do sentimento de profundas lesões nos mais imprescritíveis direitos do cidadão. Era uma revolta de epiderme, que se exacerbava à dôr da ferida mas ia esmorecendo com o andar dos dias, até que outro golpe a levasse, como um acicate, a novos paroxismos de indignação.

O episódio de 28 de fevereiro, de que fui testemunha ocular, ilustra à maravilha o que avanço sôbre êsse ignorado aspeto do caráter do cidadão cangambês.

Os governantes de Cangambo são quase todos lama do mesmo charco. Só em raríssimos casos têm saído das verdadeiras **élites** pensantes. Via de regra, emergem das camadas populares a golpes de audácia e, encarapitados no Poder, o que de imediato fazem é renegar o povo de que provêm, esquecer as promessas com que embairam o eleitorado e acomodar-se, em calculado mimetismo, entre os do escol endinheirado e influente que até então vergastaram com seus anátemas de demagogos.

Contudo, o povo cangambês, cem vêzes iludido e outras tantas desenganado, é por lei compelido a escolher o ocupante do supremo posto político. Chamam lá a isso democracia e ninguém córa de chamar, talvez por inidoneidade do pigmento.

Portanto, elege-se o soba. E o exercício do voto é, em Cangambo, muito mais que alhures, por uma razão de ardência do sangue, pretexto para a expansão de todos os baixos instintos da populaça. Há, no ato de soberania, insultos, bofetões, cacetadas e tiros, rumorosa festa cívica em que as polícias contribuem gostosamente com suas rajadas de metralhadoras.

Dias antes daquele memorável 28 de fevereiro houvera eleições na cidade e tais coisas praticára o partido dominante — rapto de urnas, votantes em decuplicata, violências contra os adversários à porta dos colégios — que a oposição, insuflada pelos editoriais desgrenhados e uivantes de **Baba Punga** (O Intransigente) e de **Songa Malunga** (A Voz do Povo) enchera naquela tarde a praça Marechal Bugango, o ínclito consolidador da República Cangambesa, para lançar seu vigoroso protesto contra o esbulho de que estava sendo vítima.

Apesar de não mais de dez por cento da população possuirem a caderneta que dá direito ao exercício da soberania, tão grave é naquela terra a abstenção eleitoral, conseguiram os reclamantes fazer multidão. Dois mil homens bastam para um comício. E para um motim.

O povo é sabidamente criança e tôda criança é animista. Assim, depois de rugir escumantes aprovações a meia dúzia de gastíssimas figuras de retórica de alguns oradores improvisados, figuras simbólicas de tôda a veemência dos cívicos protestos que lhes ardiam no peito, passaram aqueles amotinados a quebrar coisas. Essa encarnação do despotismo em coisas inanimadas, feita em horas de demência coletiva, não é virtude exclusiva do povo cangambês. Os Xerxes londrinos faziam o mesmo às inocentes grades de Hyde Park e os

ASSINATURAS
DE
Careta
REGISTRADAS
6 (SEIS) MESES .... Cr$ 90,00
1 ANO ..... Cr$ 180,00

cariocas outro tratamento não dão aos seus inocentíssimos bondes nos dias de represálias.

Começou, pois, o povo a dar largas ao instinto de destruição, partindo lâmpadas, apedrejando vitrinas, pondo ressupinos os autos que lhe caíam nas unhas.

Era a Revolução em tôda a sua violência material. Urgia a repressão a todo transe, em bem da Ordem Pública, o intangível mito em cujo nome não têm feito os govêrnos poucas desordens sociais. Pediu-se, congruentemente, a intervenção da Fôrça.

E a Fôrça veio, prestes. A Fôrça, que não é um mito, mas coisa sensível nas costelas dos patriotas, veio, de fringante narinas a fumegar, a cauda abanando, a clina no ar — e uma insofrível cócega nos dedos dos soldados por apertar os gatilhos. Ia ser o massacre daquele pobre rebanho que balia invetivas e tal feito valeria ao comandante a ereção de uma estátua junto à do Consolidador. O massacre! Tal é o argumento da Fôrça quando opugna os silogismos dos cidadãos que ousam reivindicar direitos.

O comandante do pelotão de janízaros, tenente Bulu Bulu (guardemos o nome do notável oficial!) viu, de relance, tôda a gravidade do dever a cumprir. Chegou a desembainhar a meio a espada que depois flamejaria no ar na ordem de — fogo! Conhecia, porém, o seu povo e tinha a preciosa qualidade de não desprezar a inserção de uma fôrça mesmo nos casos de aparência mais dramática. E possuia ainda a ciência do relativo de tôdas as coisas, haurida nas obras de escritores emancipados. Guardou a espada fatal e mandou um subordinado a certa loja próxima, em missão secreta. Uma idéia peregrina lhe trepanara o cérebro.

Partiu o emissário sob um granizo de objetos os mais dispares e nem por isso menos contundentes.

Tratava-se de compra de artigo carnavalesco, tão amado pelo fanatismo visceral do povo cangambês que o põe logo abaixo dos seus monstruosos fetiches de pau.

Quando soube que era do govêrno o cliente, recusou de primeiro movimento o lojista conceder-lhe crédito. O Estado cangambês, que é inflexível e premente nas cobranças, paga suas contas com grande mora depois de capciosos suores e exaustivas canseiras dos credores. O militar, porém, usou para dobrar-lhe o ânimo, de argumento decisivo nesses como em outros casos, a razão de Estado. E saiu com a mercadoria.

Recebeu-a o tenente com um sorriso inefável, justo no momento em que uma rija saraivada de pedras, paus e garrafas ameaçava a fôrça pública de desairosa retirada.

Não houve mister de tal estratagia. Desfazendo o misterioso embrulho, o jovem tenente Bula Bula arremeçou ao meio da praça, no coração do motim, uma lustrosa bola de futebol.

Mudou então a face das coisas.

Foi o congraçamento universal. Esvaíram-se no ar, como fantasmas, indignações, retaliações, reivindicações e operários, burguêses, imprensa, clero, nobreza e povo puseram-se alegremente a bater bola em plena praça pública, seguidos logo dos próprios oradores e de militares de tôdas as armas que com êles tocantemente fraternizaram.

O pelotão de Bula Bula recolheu ao quartel sem uma cápsula deflagrada. Quanto ao jovem tenente, foi carregado em triunfo pelos admiradores mais freneticos.

Sylvio Figueiredo

— ❖ —

O HOMEM DE MUQUE

Júca é o homem de muque aqui de nossa família. Meu irmão diz que êle tem fôrça de burro, minha cunhada afirma que a fôrça dêle é de jumento, a outra prima garante que êle tem fôrça de cavalo, e o irmão, que leva às vêzes alguns cascudos, berra que êle tem mais fôrça do que uma bêsta.

Em suma, o Júca deve ter a fôrça de todos os animais dêste mundo.

Gozando o prestígio de ter muque considerável, Júca entendeu que podia namorar impunemente. Com efeito, gozou algumas aventuras de que se saiu quebrando algumas caras e partindo algumas garrafas nos botequins de subúrbio, em luta com os rivais.

Mas acabou casando. Casou-se com uma serigaita franzina, amarelinha, pintadinha, tuberculosa e mais sapeca do que tôdas as pequenas do bairro.

Casou-se. Deu largas expansões ao seu muque de bicho. No fim de seis meses, quando se discutia em família o muque do Júca, a mulher, orgulhosa dêle, exclamou:

— Sim, senhores. Êle tem a fôrça de um boi!

Homem, não!

As designações oficiais terão de agora em diante um feminino — *Deputade, Escriturária, Datilógrafa* etc.

— Agora, sim, Belinha. Eu tinha um medo danado de namorar um **Escriturário**...

O SEGRÊDO DA LONGEVIDADE

Mac Lew, macróbio americano, já contava 135 anos de idade e era o centro de atenções de tôda a gente na sua cidade. Teso, lúcido, contente, o velho Lew causava inveja aos moços. E muita gente desejava conhecer o segrêdo da sua longevidade. O velho devia possuir a fórmula do Elixir da Longa Vida... Era o que todos pensavam. Mas ninguém tinha coragem de perguntar ao centenário o mistério que êle guardava tão ciosamente. Afinal, chegando a Nova Iorque a notícia da existência do macróbio, um repórter foi destacado, pela redação do "Herald", para descobrir o segrêdo do homem. E o repórter, depois de longa viagem, avistou-se afinal com o macróbio e perguntou:

— A que atribui o senhor o milagre de ter atingido aos 135 anos de idade?

E o velho respondeu calmamente:

— Apenas, ao fato de ter nascido em 1821...

Humorismos de

Suicídio

Em plena rua, êle e ela. Êle, muito pálido; ela, muito vermelha. Zangados. Já houve descomposturas. E grossas. E a coisa ainda não acabou. Êle acaba de exclamar: Bolas!

Ela tem os nervos crispados. Ergue o tom. Êle ergue os ombros. Afinal ela, perdendo a paciência, grita, trágica: Já sei o que me resta fazer!

E sai correndo. Galopando. Desce da calçada para a rua, por onde vem um auto em excesso de velocidade.

Alucinado, o marido grita-lhe: Margarida!

Margarida, porém, nada quer ouvir. Vai lançar-se sob as rodas. Sim! Não pode mais! Vai fazer uma asneira... Êle compreende... tem uma vertigem... revê todo o seu passado, numa olhada só. Ama sêca, escola, família, chefe de seção...

Tapa o rosto com as mãos, para não ver a coisa horrível.

Com efeito, o auto avança sôbre a pobre mulher. E' um taxi... Tudo acabado! Ela faz um sinal — provàvelmente o sinal da cruz. O auto freia. Então a senhora salta para dentro dêle e dá o endereço dos seus pais...

Aprendizagem

Em pleno campo. Um automóvel prêto sôbre uma estrada pardacenta. O homem que sabe e o homem que não sabe. O homem que não sabe está no volante. Como é de ver, o carro faz ziguezagues.

A cada golpe de direção, o homem que não sabe faz: "Olé!" O homem que sabe nada diz mas não sente menos vontade de exclamações.

De repente o carro dá um pulo, salta da estrada e focinha num barranco. O homem que sabe grita: o freio, Santo Deus, o freio! O homem que não sabe larga o volante e mête o pé no acelerador. O lata velha dá outro pulo, desta vez maior, esbarra numa árvore, entorta-se, tosse, fumega, escarra... Os dois passageiros são projetados através do espaço. Vão cair numa horta de couves. O homem que sabe, muito vermelho; o homem que não sabe, muito pálido...

Então, o homem que não sabe, sentado como estava, faz a última pergunta:

— E agora? Que é que falta para aprender a dirigir?

Marcel Arnac

— Cinco ou seis...
— Cinco ou seis, quê ? Semanas ?
— Não. Autos !

O amigo de apostas

Prometi a Jujuba que iria com êle às corridas.

— Você não tem palavra, respondeu-me êle. Aposto em que não irá às corridas !

Foi por isso que me apressei em chegar a tempo à estação. Não tanto, porém, como era necessário porque, ao lá chegar, encontrei Jujuba nervoso:

— Aposto 20 francos em que vamos perder o trem !

Não perdemos o trem. Alguns minutos mais tarde estávamos desembarcando.

— Diabos ! Exclamou Jujuba. Estamos atrazados. Que é que você aposta em que o primeiro páreo já foi realizado ?

Como o primeiro páreo ainda não houvesse sido realizado, Jujuba apostou num cavalo, eu noutro. Durante a corrida Jujuba não parou de cotucar-me:

—Aposto 50 francos em que meu cavalo vai bater o seu por 20 corpos...

Enfim, depois de haver sucessivamente apostado comigo em que iamos perder o trem de volta, em que sua mulher iria recebê-lo com uma vasta descompostura e em que eu iria quebrar uma perna no dia seguinte, consentiu em deixar o prado de corridas.

Em Paris, diante de um chope, tendo feito comigo nova aposta, não me contive:

—Jujuba, você me irrita ! Você chegou a ponto de não poder ficar cinco minutos sem fazer uma aposta !

E Jujuba:

— Quanto aposta você ?

—◇—

DIABRURAS DE ROUSSEAU

Certo dia, quando criança, por uma diabrura, Rousseau foi condenado a ficar sem cear. Os convidados estavam sentados ao redor do fogão. Uma suculenta perna de carneiro se achava sôbre as brasas se assando, e tão apetitosa devia ser, que o menino, após saudar os presentes, não se pôde conter e disse:

— Bôa Noite, assadinho !

Foi motivo de graça esta saida do engraçado garoto, condenado a não cear, mas que, por isso, foi premiado com a melhor parte do assado.

PREFIRA TAMBEM

FORTIFICA OS CABELOS
E ELIMINA A CASPA...

—◇—

Receitei Magnesia Fluida de Murray, ora, si tomou outra marca, que culpa tenho eu ?

3-3-1956

A ESTIGMATIZADA

De vez em quando soltava ela profundo suspiro.

Êle, a pequena distância, refestelado em cômoda cadeira de vime, lia atentamente um jornal, parecendo não ouvir os suspiros.

Era forçoso um ataque direto.

— Traz êsse jornal alguma coisa sôbre a camponesa italiana, aquela que aparece com as mãos ensangüentadas ?

— Por ora não li nada.

— Procura.

— Tem paciência, minha filha. Eu leio o jornal metòdicamente, do princípio para o fim. Se houver qualquer coisa, hei-de achar por fôrça.

— E' um caso notável.

Êle não respondeu. Na verdade é difícil ler jornal e ao mesmo tempo entreter diálogo.

Os suspiros continuaram.

— Dá cá um pedaço do jornal.

— Estás assim tão impaciente?

Interessa-te tanto êsse caso da camponesa ?

— Muito !

Pois cá para mim há aí qualquer mistificação.

—E' porque tu és um herege.

— Obrigado. Mas espera um pouquinho que te dou o jornal todo.

Passaram-se quinze minutos, assinalados por quinze suspiros.

Pronto ! Aí está o jornal. Não encontrei nada. O caso já está arrefecendo. E' o que eu digo: isso não passa de grande mistificação.

Desta vez foi ela quem não respondeu, parecendo absorta na leitura do jornal, que continha com os braços estendidos, de modo que os dois pulsos ficaram à mostra.

— Quem é que pode dar crédito a uma coisa destas ? Prosseguiu êle em monólogo. E como essas petas correm mundo !

Durante uma pausa, olhou para o lado dela.

— Que foi isso aí no teu pulso ?

— Amanheci hoje assim, disse ela, continuando a leitura, fingindo não ligar importância ao caso.

Êle aproximou-se, examinando mais atentamente o pulso, que se achava circundado por um sulco arroxeado.

— Amanheceste assim ? E sem causa ?

Sem abandonar a leitura, ela respondeu:

- E' também um estigma. Significa que deves cumprir a promessa de me dar aquela pulseira-relógio que te mostrei há dias.

DO OUTRO SEXO

A senhora quer que diga, por eqüidade, minha opinião sôbre os homens. Para que ? Para cotejá-la com o que expendo sôbre as mulheres ?

Não lhe adiantaria grande coisa, nem modificaria o ponto de vista da questão sexual.

Tenho sôbre os homens opinião lamentável: acho-os maus, servis, estúpidos, banais e brutais. Mas acho que, pela natureza das coisas, todos os seus defeitos se apazam ante certas virtudes das mulheres.

A vida social é a vida do homem; tudo quanto temos de bom ou de mau é obra masculina; o patrimônio da sociedade é nosso : a êle temos o duplo direito de criação e de conservação ou aproveitamento. As mulheres nada fizeram na vida; não só nada fizeram como ainda destruiram, sabotaram a civilização e vivem reagindo indignamente contra todo progresso e tôdas as liberdades.

Escravas pelo sexo são muito mais escravas pela religião, pela incultura, pela inferioridade mental. Onde a mulher faz sentir sua obra de reação é no lar. O lar é a geladeira das conciências em flor. O lar é a impossibilidade manifesta de tôda alegria, tôda saúde, tôda expansão, tôda liberdade. Para o homem ser um pouco feliz é preciso nascer só, viver só e morrer sòzinho.

Saído da galé do lar, não dá nada que preste: traz a hipocrisia materna e a estupidez paternal com a rude burrice do homem que instituiu, para sua inépcia ou velhacaria, essa coisa insustentável de família. Pois enquanto houver família a "sociedade" não passará de "hostilidade".

E' a mulher a proventuária dessa caverna que tem rádio, luz elétrica, flôres de papel, crianças e visitas, um cachorro, um primo, trem de cozinha e discussões sôbre os vestidos das vizinhas.

Os homens vivem na rua e até mesmo as mulheres de hoje vivem o mais tempo que podem fora do celebrado encanto dêsse porão de navio onde se janta e se guardam móveis de estilo.

Os homens são realmente muito estúpidos. Com qualquer meia pataca fazem o mais estúpido dos negócios, compram uma inimiga do outro sexo e abrem uma cadeia para os infelizes que viverão depois da nossa falência.

—◇—

FILÓSOFOS...

Como tôda gente que se preza, tenho um amigo que é filósofo. Até aí nada de extraordinário porque filósofos e poetas não faltam neste nosso delicioso país agrícola. O número dessas expressões da fauna humana é mesmo tão grande que, com pequeno esfôrço, igualaria o de bacharéis.

Êsse meu amigo é o Gerôncio. O senhor, de certo não o conhece. E' pena...

Gerôncio é um cidadão pesado, de 45 presumíveis, côr de ocre — característica nos pensadores — e

com uma barbicha de sargento do Exército francês. Sempre que fala dá a impressão de que arranca das entranhas o pensamento.

Encontrou-se comigo na quarta-feira de cinzas:

— Você tão cêdo na rua ?

E' verdade, Gerôncio... A vida assim o ordena...

Gerôncio, de um salto, caiu em meditação. Começou por abstrair o mundo circunstante. Elevou o olhar à esfera com umas manchas de nuvens escuras.

Em seguida, travando-me do braço perguntou:

— Você já leu os filósofos aqui de casa ?

— Para falar a verdade, ainda não perdi o meu tempo com êsses "esfrias"...

— "Esfrias" ? — Interrompeu-me, irritado, o Gerôncio.

Gastei muito tempo explicando ao meu amigo por que nossos "filósofos" eram "esfrias", pela sua ignorância de sacristães e pela sua pobreza de senso filosófico.

Gerôncio, de novo, concentrou-se para ouvir-me melhor. Quando conclui e lhe estendi a mão, êle avançou:

— Passa-me agora algum...

— Dinheiro ? Em quarta-feira de cinzas ? Você endoideceu...

— Não. E' para desmentir a sua argumentação. Quero agora mesmo provar que em filosofia moderna sou pragmatista...

CASOS NOVOS

Depois de examinar o doente e fazer-lhe prescrições, o célebre psicanalista apresenta-lhe uma conta enorme. Protesto do cliente.

— E' que lhe cobrei o dôbro, explica o médico.

E por que, doutor ?

Claro. Pois o senhor não é um caso de dupla personalidade?

◇

Dois amigos falam de um terceiro, ausente. Um dêles nega-lhe cultura.

— Você está enganado, argumenta o outro. Êle acaba de sair de uma bôa escola !

Então o negativista, decisivo:

— De uma bôa escola ? E por que o deixaram sair de lá ?

◇

Certo sujeito famoso pela sovinice, pão duro dos quatro costados, consentiu, mediante remuneração, doar seu sangue a um enfêrmo.

Após a primeira transfusão, o doente, agradecido, deu-lhe dez mil cruzeiros.

Depois da segunda, apenas cinco mil.

E feita a terceira transfusão, deu-lhe apenas um "muito obrigado".

Todo o sangue do sovina passára para as suas veias !

◇

Um repórter perguntou certa vez a célebre romancista se algumas personagens das suas novelas eram tiradas da realidade.

— Não, absolutamente, respondeu-lhe o autor. As personagens criadas por Deus não me convêm. Procuro fazer coisa melhor !

◇

Outro escritor confessava:

— Escrevo para fornecer recordações a quem não as tem nenhumas...

◇

E finalmente o caso daquele pintor, emérito colorista, que vai visitar o amigo enfêrmo. Êsse amigo sofria de itericia, tinha amarelas as esclerôticas. E o pintor, olhando-o com olhos de emérito colorista que era:

— Como você está belo com êsse tom !

PETROLINA MINANCORA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR POR EXCELÊNCIA

Gastando tinta

— O projetado Ministério da Economia vai chamar-se de Indústria e Comércio.
Lá se vai a **economia** no nome...

Microscópio

SEGUNDO Michelet, a realeza nada mais era do que uma bomba aspirante que, da propriedade pública, fazia propriedade privada. E acrescentava que o fundo do coração de um rei era o mais profundo desprêzo pela espécie humana.

Vamos ser justos. E na República? Que têm feito as várias repúblicas dêste vasto mundo, onde tão poucos engordam à custa de todos e onde o coração republicano parece não conceber ao menos a existência do resto da humanidade?

◇

Um grupo de estudantes brasileiros, em visita à Itália, esteve diante do túmulo de Dante. Noticiando o fato, acompanhada a notícia de fotografia, informa a reportagem da Revista da Semana que no belo monumento funerário está inscrito o *distico*.

Onorate l'altissimo poeta.

Há quem empregue o têrmo *distico* na acepção de simples letreiro. Vá lá que o faça alguém. Em se tratando de inscrição em verso, porém, pois que é apenas um, parece-me mal empregada a expressão, porque *distico* quer dizer, etimologicamente, *dois versos*.

◇

E agora entra em cena meu velho e amado Monteiro Lobato, pelo coração, pelo caráter e pela inteligência um dos maiores homens que o Brasil já teve.

Entra em cena por isto: em *Mundo da lua* classifica o elefante como *probóscida*, em vez de *proboscídeo*. Lapso de Lobato. *Probóscida* é a tromba do bicho...

◇

Catando pérolas literárias com afinco de bom mergulhador num oceano de livros, diz Agrippino Grieco, com o fino espírito de sempre, que os traidores de hoje, em vez de se enforcarem na figueira, como o fêz seu patrono, preferem comer os frutos da árvore.

Uma suspeita me assaltou de que está enganado Grieco. Dava mesmo frutos comestíveis a figueira de que Judas pendurou seu remorso? Ou era essa figueira brava, sem flores nem frutos, que entra na

categoria das que o povo considera, por isso mesmo, isentas de pedradas ?

Dicant paduani...

◇

Continuo de ôlho no tradutor das legendas da história em quadrinhos *O caso Dreyfus*, no Diário de Notícias. O moço anda agora direitinho. A propósito: por que traduzir "*L'affaire Dreyfus*" por "O caso" e não "O processo Dreyfus" ?

Assim tenho visto sempre citado o tremendo êrro judiciário...

Breno

NOMES DE PROFISSÕES

Há algum tempo se discutiu se os vendedores de jornais devem chamar-se jornaleiros ou jornalistas. Jornaleiro tem o inconveniente de ser denominação aplicável a todo individuo que vende jornal; mas jornalista é a denominação dada a função mais nobre, qual seja a de escrever para jornais. Ficou tudo como estava.

Em outros ramos de atividade há também confusão. Assim é que chamamos indiferentemente sapateiro ao que faz e ao que vende sapatos, quando seria mais natural chamar a um de sapateiro e a outro de sapatista. Do mesmo modo deveriamos dizer, para indicar o fabricante e o vendedor: chapeleiro e chapelista; vidraceiro e vidracista; gravateiro e gravatista.

A variação da desinência tem a grande vantagem de indicar com clareza se o individuo faz ou vende o artigo.

Em outros casos essa mesma variação indicaria o modo por que o individuo exerce a profissão, o grau de competência com que desempenha o seu ofício. Desde logo se distinguiriam, por exemplo, os pianistas dos pianeiros, os retratistas dos retrateiros, os escritistas dos escriteiros.

Certa vez tive necessidade de procurar um amigo que residia numa pensão, em um dos nossos arrabaldes. Já era noite fechada quando toquei a campanhia do portão. A casa era situada ao fundo de grande jardim. Ao cabo de alguns minutos vi um vulto que se aproximava. Quando chegou junto ao gradil, vi, à luz da lâmpada que ficava próxima, que era um creoulo simpático, vestido com muita decência e de chapéu. Na dúvida sôbre se seria algum hóspede ou empregado, perguntei-lhe ambiguamente:

— O senhor é pessoa da casa.?

— Sim, senhor, eu sou o artista.

Entrei e, enquanto me encaminhava para a entrada do prédio, consegui adivinhar que "artista" queria dizer "cozinheiro", personagem aliás importante numa pensão.

Acho, entretanto, que no caso bastaria dizer "arteiro"..

DIFERENÇA

Pela primeira vez em sua vida o velho camponês corso tomou o avião para ir ver seu filho no continente. Mal o aparelho decolou, êle, inquieto, perguntou aos membros da equipagem:

— Não distribuem para-quedas ?

— Não, senhor; jamais distribuimos para-quedas.

— Por que ? A bordo dos navios não distribuem coletes salva-vidas ?

— Sem dúvida... Mas o caso é diferente.

O rosto do velho tingiu-se de rubro e êle resmungou:

— Madonacche ! Compreendo que é diferente... Há muito mais gente que sabe nadar do que gente que sabe voar...

◇

A SERPENTE

COMO nasci no tempo em que nas escolas primárias ainda se ensinava a História Sagrada, lembro-me de que a minha ainda pouco atilada inteligência fixou singular impressão do episódio da serpente no Paraiso.

Nunca duvidei de que tivesse havido época em que os animais não só falavam como praticavam atos que ninguém hoje ousaria atribuir-lhes; mas o conjunto daqueles fatos era para mim irritantemente enigmático. Que árvore poderia ser aquela da ciência do Bem e do Mal? Por que motivo Adão e Eva precisaram ser tentados? Eva, pela serpente, e Adão, por Eva, para comerem do fruto dessa árvore? E por que deixou de existir essa espécie vegetal, que devido ao acontecimento do Paraiso, adquiriu tamanha notoriedade? Que de inconveniente teriam os dois esquecido após a ingestão da famosa fruta? Não acabaria mais se fôsse enumerar tôdas as perguntas que se-me esboçavam na mente a propósito dêsse misterioso fato, cuja elucidação só tive na época própria, como sucede a toda gente, mesmo sem haver comido do fruto da árvore da ciência do Bem e do Mal.

Muitos anos mais tarde fiz longa viagem ao Interior, onde deparei numerosissimas Evas já inteiramente emancipadas da inocência paradisíaca.

Uma houve, contudo, que, por conservar algum resíduo de candura, se não era por excesso de malícia, se me mostrou particularmente resistente ao "flirt" e por isso mais me interessou.

Encontrámo-nos a primeira vez, como quase sempre acontece, na missa. Sob a insistência do meu olhar, ela baixou pudicamente as pálpebras, como na cidade já bem poucas donzelas sabem fazer. Quando a cerimônia acabou, segui-a, de longe, como é clássico no Interior, até à porta da casa onde morava, no arraial que se espalhava pitorescamente em tôrno do templo.

A mãe acompanhava-a. Era ainda frescalhona e simpática, e não como certas mães que desanimam os pretendentes mostrando, com tremenda realidade, como virão a ser as filhas.

A presença é grande virtude, tanto na cidade como na roça. Tantas vêzes passei pela casa da pequena, tantas vêzes a mirei com olhos cobiçosos, tantas vêzes fui à missa porque ela também ia, que acabei despertando nela pelo menos a curiosidade que é por vêzes um preâmbulo do amor.

Falámo-nos e o namôro oficial começou. Ainda não tinha, contudo, a sanção maternal, quando um dia nos encontrámos na estrada, a alguma distância do arraial. Eu reentrava de um passeio; ela ia em visita a alguma familia conhecida. O ponto onde nos encontrámos era êrmo. Parei.

Ela sorriu-me, saudou-me levemente, parecendo, porém, disposta a prosseguir. Detive-a, tomando-lhe as mãos, depois de um movimento de esquivança, durante o qual ela sondou com o olhar a estrada, para diante e para trás.

Valerá a pena reproduzir o diálogo? Não. Todos o sabem de cór.

Direi apenas que isso foi num belo dia de junho, de sol, quando, pelas duas horas da tarde, num sítio encantador, tanto quanto poderia ter sido qualquer dos melhores trechos do Paraiso.

Sob a influência da Natúreza, progredimos tanto em efusões amorosas que, fatalmente, com árvore ou sem árvore, a ciência do Bem e do Mal acabaria por entrar-nos no entendimento de maneira irremediável. Falo no condicional porque, no instante em que o perigo se tornou máximo, uma enorme cobra nos surgiu quase sob os pés, fazendo a jovem fugir espavorida. Também eu, num movimento vivo, me afastei do reptil que, coleante e rápido, desapareceu no mato. Ela, nervosa, acenou-me um adeus e partiu.

Desde êsse dia, para mim, a serpente ficou reabilitada.

A Elegância Fúnebre

OS defuntos não são elegantes.

Aqueles que em vida souberam vestir casaca, depois de mortos, com a mesmissima casaca, ficam lamentàvelmente grotescos.

Era essa a tese que na roda sustentava meu jovem amigo Rodrigues.

— Mas como queria você que se vestissem os defuntos?

— De túnica, de toga, de qualquer coisa ampla, que desse majestade ao cadáver. Uma simples opa de irmão das almas seria preferível ao mais bem talhado dos fraques, dentro do qual o defunto não pode deixar de sentir-se mal.

— Ninguém repara nisso, atalhou um. As flôres cobrem tudo.

— As flôres já vão saindo de moda. E' falta de respeito para com o morto metê-lo numa inda-

mentária que parece de outra pessoa.

— Mas olhe lá que, ajeitando-se bem, e especialmente se a criatura fôr vestida logo após o falecimento, enquanto há flexibilidade, o conjunto pode ficar muito aceitável.

— Qual ! O próprio Brumel, no seu esquife, não pode ter ficado elegante.

Um que tinha espirito prático aventou uma idéia:

—A Santa Casa, quando toma medida para o féretro, podia também tomar medida para a "toilette" mortuária, que nada impediria de ser uniforme. Poderia haver estoque dessa vestimenta para os mortos, assim como há roupa feita para os vivos.

— Seria monótono, observou outro. Melhor seria que existissem figurinos fúnebres, onde as famílias pudessem escolher o vestuário do seu morto.

— Mas não acham vocês demasiado fútil êsse tema ? Perguntei.

— Absolutamente, acudiu Rodrigues; acho-o até muito sério. Há inúmeras pessoas que se preocupam extraordinàriamente com o aspeto que apresentarão depois de mortas. Tive uma parenta que pedia pelo amor de Deus que, depois de expirar, lhe não tirassem a dentadura.

O de espirito prático tomou a palavra:

— E' bem exato o que afirma o Rodrigues, e há também um caso na minha família. Tive um tio, solteirão, com alguma fortuna, que cultivava a elegância. De fato, êle era elegante. Nasceu para isso, porque a gente nasce para elegante como nasce para ferreiro ou para jornalista. Êle pedia sempre, em tom zombeteiro, mas, no fundo, com muito empenho, que o vestissem o melhor possível depois de morto. Esforçamo-nos todos para isso, êle, porêm, demonstrou mais tarde que não havia ficado contente.

— Como ? Perguntámos em côro, pensando no espiritismo.

— Quando foram exhumar os ossos, acharam seu braço direito numa posição que indicava claramente que havia êle retocado o laço da gravata.

Y.

A ARTE DE PERDER TEMPO

O que de melhor se faz neste mundo é perder tempo. Tempo perdido, na opinião de alguns animais ferozes, é aquêle que não deu resultados materiais, nem juro a render, nem proveito aos

ganhadores. Entretanto é outro o conceito do tempo perdido, isto é, aquêle durante o qual o individuo não faz nem o bem nem o mal, quer a si quer aos outros.

Jovelino, classificado como um cavalheiro qualquer entre os anônimos que povoam as nossas avenidas, é, não obstante sua carência de noticiário, um dos camaradas mais sapientes da moderna geração. Jovelino é autor de "*A arte de perder tempo*", livro falado que circula em todo pais sem o visto da crítica acadêmica ou o carimbo oficial.

Dêsse tratado há um capitulo especial dedicado à "ação do tempo perdido na produção politica", que é obra prima de crítica e de psicologia.

Nele o Jovelino demonstrou que o govêrno é a instituição reguladora dos ponteiros que marcam a marcha das horas perdidas no relógio do *farniente* de um pais. Governar é perder tempo, conclui o autor. Por mais que os govêrnos façam andar para trás ou para frente os ponteiros do cronômetro social, os fatos continuam a desenrolar-se absolutamente de modo a manter um sistema invariável com harmonia perfeita.

O tempo que se perde em governar é exatamente igual a soma de todas as horas passadas em qualquer outra parte do mundo onde não haja govêrnos. Essa igualdade não é uma prova contra o tempo perdido mas contra os ganhadores do tempo que os outros perderam à espera do resultado da arte.

Como queriamos (isto é: o Jovelino) demonstrar.

—◇—

CIUME

O ciume é o mais vil e corrupto dos sentimentos, porque corroe to dos sentimentos, porque corroi coração e impulsiona-nos às mais baixas torpezas.

Isaias

CALVOS A nossa organização, única no mundo, assiste até o fim do tratamento, sem remuneração. O renascimento dos cabelos com KIN-KIN é um fato. Peçam prospectos grátis à Ind. Tônica Capilar KIN-KIN Ltda. — Rua Conde de Irajá, 33 — Botafogo — Caixa Postal 245 — Copacabana — Telefone, 26-5696 — Rio de Janeiro

DR. PAULO PÉRISSÉ
Chefe S. Proct. H. Gaffrée Guinle.
VARIZES
suas complicações — úlceras, eczemas, inchações, etc
Hemorroides sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS
Av Rio Branco, 108-10.º
Sala 1006
EDIFÍCIO MARTINELLI
diàriamente das 14 às 18
Fones 28-4531 - 52-0251

O desintegrador...

Juscelino — Nunca pensei que o ôsso fôsse tão duro de roer ! Se soubesse, não me teria candidatado

Jango — Deixe de chôro ! Se quer ver como se tritura isso em três tempos, vai dar um passeio na estranja . . .

O GESTO APAIXONADO

O mundo é cruel para com as solteironas, cruel nesta e até na outra vida. São para realizar-se na existência de além-túmulo as ameaças clássicas de pentear Santa Catarina, depois de haver levado de Santo Onofre a indefetivel palmada.

Admira que Santa Catarina ainda tenha cabelos e que Santo Onofre já não esteja com a palma da mão em carne viva !

No entanto, se casar é bom e não casar ainda melhor, êsse aforismo deve ser aplicado a ambos os sexos. A solteirona só está mais exposta ao ridículo do que o solteirão porque êste, no consenso geral, só o é porque quer. E' um triste privilégio ! O homem envaidece-se da prerrogativa de escolher a mulher. Não seria para êle muito, muitissimo mais lisonjeiro, ser escolhido do que ser suportado, como sucede na grande maioria dos casos ?

Stendhal, referindo-se ao ato praticado pelo conde Mosca de beijar o retrato da amante, achou isso tão ridículo que declara ter tido vontade de o não dizer. Que pensaria êle do ato de uma solteirona que conheci e que transformava uma pacata cadeira austriaca em um galã, pondo-lhe sôbre o espaldar um casaco do pai e dizendo-lhe patèticamente:

— Não posso responder de pronto à sua declaração, senhor doutor ! Dê-me 48 horas para pensar.

Se essa pobre criatura, que teve o infortúnio de viver muito, se houvesse limitado a fazer dessas com as cadeiras, não haveria grande mal. A questão é que em qualquer representante do sexo feio via sempre um apaixonado virtual.

Certa vez mandou pedir a um armarinho próximo que lhe enviassem amostras de botões grandes, para enfeitar um vestido. O portador foi um guapo caixeiro, com quem ela muito simpatizou, demorando-se por isso enormemente na escolha dos botões, a que êle assistia, sentado, em frente dela, gozando aquêle repouso inesperado.

Os cartões com os botões pregados foram percorridos um sem número de vêzes.

Subitamente, o caixeiro abaixou-se com tanta vivacidade que quase deu com a testa nos joelhos da freguesa. Esta levantou-se, muito corada, dizendo ao rapaz:

— O senhor é muito impetuoso ! Assim, logo da primeira vez, declara-se, de joelhos !

— Desculpe, minha senhora, replicou o pobre rapaz atarantado, eu ia apanhar um botão que se desprendeu do cartão.

• ◇ •

• ◇ •

A rapidez do vôo de certos insetos é tão grande que, se fôssem do tamanho de aves, só as balas de fusil poderiam alcançá-los. .

• ◇ •

Os cabelos de uma cabeleira espessa, juntados ponta a ponta, dariam um fio com a extensão de 150 a 200 metros. Antigamente com os cabelos longos algumas mulheres dariam fios de um ou mais quilômetros.

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

UMA NOVA ATRAÇÃO HUMORÍSTICA DA

SEXTA - FEIRA
ÀS 20 hs

RÁDIO Mayrink Veiga

EMISSORA DA ORGANIZAÇÃO VITOR COSTA

BALBINA, MEU!

Produção de
FRANCISCO ANISIO

• PATROCÍNIO DOS
BISCOITOS AIMORÉ

AGORA TAMBÉM EM ONDAS-CURTAS!

Nas freqüências de 9.575 klcs – faixa de 31 metros e 11.775 klcs. – faixa de 25 metros

QUEBRA-QUENGO

(N.º 56)

Seção recreativa sob a direção de TREMAZUL (do Círculo Enigmístico Carioca).

PALAVRAS CRUZADAS

Chaves:

Horizontais:

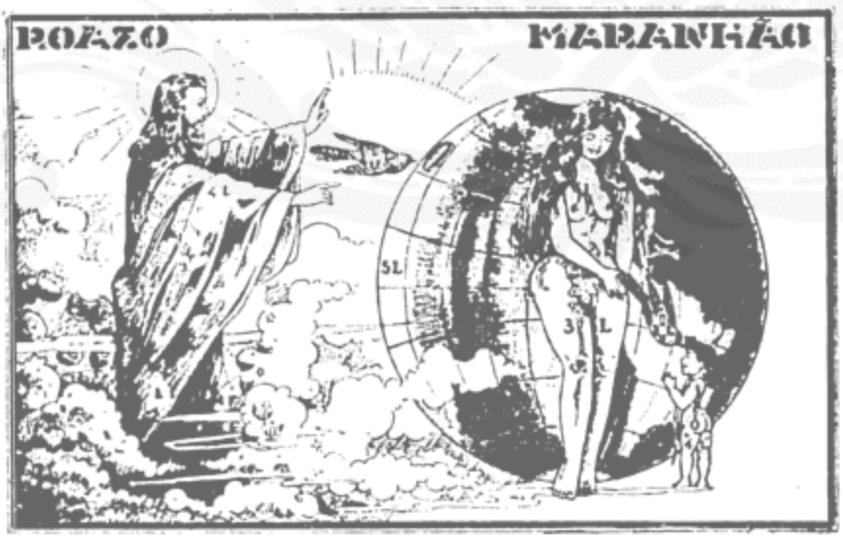
1 — Tornar-se caduco
6 — Nome da primeira mulher
7 — Demolir
10 — Mover-se
11 — Espírito Santo
12 — Laurear
15 — Possuir
16 — Assinala com o bemol

Verticais:

1 — Filtro
2 — Abranda
3 — Fruto da videira
4 — Amigo de viver em casa
5 — Mostrar-se alegre
8 — Escarnecer
9 — Membro das aves

12 — Lavatório
13 — Nome de homem
14 — A plebe.

ENIGMA FIGURADO



Esquema, por iniciais, alusivo ao provérbio contido no desenhado acima:

D	C	O	M	E	C	O	A
2	2	1	2	2	2	1	2

D — Princípio Supremo; C — Tirou do nada; O — Artigo masculino; M — Universo; E — Primeira mulher; C — Originou; O — Artigo masculino; A — Cupido.

NOTA: — Os números colocados debaixo das letras, no esquema acima indicam o número de sílabas de cada têrmo do provérbio.

PASSATEMPO

— — — : Espaço de doze meses
— — — : O mesmo que pinho
— — — : Monarca
— — — : Mantilha de freira
— — — : Vazio
— — — : Grande quantidade
— — — : Pronome pessoal 3.º p
— — — : Produzir
— — — : Fileira
— — — : Direção
— — — : Cólera
— — — : Dádiva
— — — : Mau cheiro.

Descobrir 13 palavras de **três letras**. No final aparecerá, na primeira coluna, o nome de um romance histórico de **Louis de Wohl,** que acaba de aparecer.

CHARADAS SINTÉTICAS

1 — No **casa de detenção** a vida é **áspera,** porque ali impera o **despotismo**. 2 — 2.

2 — **Neste momento** a **babá** prepara o **charque** para nós. 1 — 1. (Paraná — C. E. C.)

3 — **Alcoviteira** escreveu **carta?** E' carta de **alcoviteira**. 2 — 2. (Paraná — C. E. C.)

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR (55)

Palavras Cruzadas:

Horizontais: Bebedor, Análise — Te — Si — Eva — Rum — Ao — Dó — Ramosos — Arenoso.

Verticais: Bateara — Enevoar — Bá — Êle — Di — Ossudos — Remoso — Ion — Me —Só.

Enigma Pitoresco: Há tempo para tudo e não tudo para o tempo.

Chharadas Metamorfoseadas: Rodo/Roda — Campo/campa — Fuso/fusa.

Passatempo: Risca — Usual — Alisa — Durar — Ouvido — Opimo — Urupá — —Vates — Ibero — Débil — Olhar — Rifle. (Artéria mais movimentada: Rua do Ouvidor. Casa de modas: Casa Imperial.

Páginas de bom-humor...
- de bôa música
- de novidades interessantes
Revista Monsanto
UMA REVISTA RADIOFÔNICA ESCRITA E DIRIGIDA POR GRACIETTE SANT'ANNA TEIXEIRA FILHO E MAGDALA CASTRO
SEXTAS FEIRAS ás 20,10
Rádio Mundial
• ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA •
GENTILEZA DA
CASA MONSANTO
RUA DA ASSEMBLÉIA · 85

CONTRA

XAROPE DE AGRIÃO COMPOSTO

PAUL J CHRISTOPH CO. Caixa Postal 687 – Rio de Janeiro